

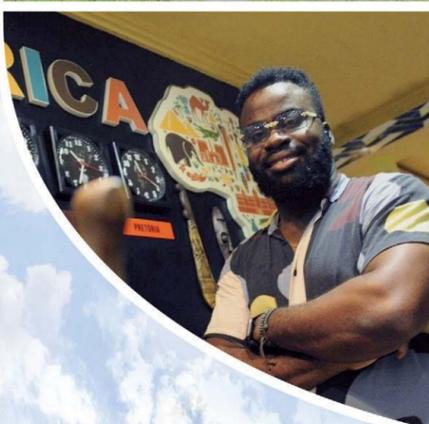
**BRASÍLIA**  
63 anos



**Correio Braziliense**

Brasília, sexta-feira, 21 de abril de 2023

# Brasília é nossa...



# ...Brasília é de todos nós



APRESENTAÇÃO

# Proteção e pertencimento



No começo era o silêncio, o tédio... a cidade, nos fins de semana, era como a icônica cena do ator francês Jean-Paul Belmondo correndo sozinho pela plataforma da Rodoviária, em 1964, durante as gravações de *O homem do Rio*. Deserta solidão. Mas a cidade crescia e se misturava com levas de imigrantes vindos de várias regiões do país e do exterior. Muitos em busca de um sonho, outros fugindo de pesadelos. A identidade da capital da esperança começava a se formar, uma realidade contemporânea multifacetada, com diversas cores, matizes, cheiros, ideias e gostos.

Aos 63 anos, Brasília é nossa, é de todos. Hoje, o Patrimônio Cultural da Humanidade conecta-se ao seu povo. Do choro aos domingos no Eixão Norte, dos piqueniques no Jardim Botânico, das sessões de cinema no Cine Brasília, dos bares tradicionais... a cidade está tomada de vida. Se reinventa, se reformata, sem perder a vocação traçada por Oscar Niemeyer e Lucio Costa.

A repórter Nahima Maciel destaca, nesta edição, o legado artístico que formou o aspecto urbano e plástico da cidade. Além de Niemeyer e Lucio Costa, nomes como Burlle Marx, Marianne Peretti e Lelé, o João Filgueiras Lima são também fundadores de Brasília.

Proteger, destaca Nahima, é verbo que precisa ser constantemente conjugado, na cidade criada para ser o símbolo da modernidade nacional. "A cidade não seria um museu (a céu aberto) se não tivesse uma concepção de que é unitária. Ela tem uma unidade de concepção plástica que a faz diferente,

mas está constantemente ameaçada", alerta a historiadora de arte e pesquisadora Graça Ramos. "Essa é a grande diferença para qualquer outra grande cidade do mundo, essa perspectiva livre, mas isso está em constante ameaça. E a questão das escalas, a cada dia, tem mais pressão para romper. Perdendo isso, a cidade se descaracteriza completamente e coloca em risco o título de patrimônio", ressalta.

A ocupação dos espaços e a busca de novos territórios está representado pela reportagem de Pedro Ibarra sobre a Batalha do Museu, há 11 anos, ponto de encontro de rappers vindos de várias regiões do Distrito Federal para uma disputa de versos e ideias. "Aqui é um lugar para todos, independentemente da classe social, cor, gênero, religião... Já ouvimos diversas vezes a frase 'A batalha salvou minha vida'. E eu posso afirmar que isso é real", conta Lolly Farias, a responsável pela organização da Batalha atualmente.

As tribos são muitas e variadas, cada qual no seu quadrado, mas que se conectam pela cidade de todos.

Parabéns, **Correio** Braziliense!

Em 21 de abril de 1960, nasce o principal jornal da capital do país. O sonho de Assis Chateaubriand se transformou numa empresa moderna multiplataforma, com um jornal impresso que preza pela credibilidade e um site conectado com a realidade brasiliense e do país. A TV Brasília e a Clube FM se unem ao grupo de comunicação que mais representa o Distrito Federal.

José Carlos Vieira, editor



Confira o Podcast do Correio com Irlam Rocha Lima Brasília 63 anos



Confira o Podcast do Correio com Severino Francisco e Rosane Garcia sobre Brasília 63 anos

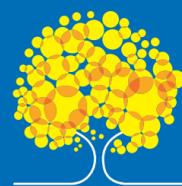


# Brasília

## 63 ANOS



A esperança  
está de volta.



**GDF**

Criado em 1991, projeto que mistura lazer e atividades físicas, como caminhar, pedalar e passear de skate, é uma das opções para quem quer curtir um domingo com muita energia e paz, entre amigos e familiares

» ARTHUR DE SOUZA  
» PEDRO IBARRA

Em 14 de junho de 1991, foi instituída uma das grandes alternativas de lazer do Distrito Federal. No lugar do ronco dos motores e da poluição, crianças correndo, diversão, música e rodas de conversa. Há quase 33 anos, é assim que a vida flui aos domingos no Eixo Rodoviário, principal rodovia que corta o coração de Brasília. Ao invés de carros, motos e ônibus, gente. Muita gente. De todas as tribos, de diferentes idades.

A iniciativa, batizada como Eixão do Lazer, se torna propícia para a prática de atividades como a caminhada, ciclismo, skate e... tomar vinho? É o que fazem os amigos de longa data Reinaldo Leite, 67 anos, e Manuel José Forero, 68. Os dois se conhecem há mais de 30 anos, mas, depois da pandemia, passaram a se encontrar no trailer, que fica na altura da 211 Norte.

Reinaldo conta que frequenta o Eixão do Lazer desde o início, praticamente. “Depois da pandemia, isso aqui virou também um clube para mim, tenho que vir todos os domingos”, comenta. “É algo sagrado, não troco por lugar nenhum. Os dias que não consigo vir, parece que não existiram”, ressalta o advogado. Ele recorda que, no começo da iniciativa, os moradores do DF desperdiçavam o que tinham. “Era um ostracismo. Ficava pensando em quantos estados que queriam ter o que temos e não conseguimos”, acrescenta.

Sobre o hábito de tomar vinho no local, o morador da Asa Norte conta que começou depois que seu amigo apresentou o trailer. “Ele me convidou e acabei gostando. O espaço é muito bom”, elogia. “Desde então, todos os domingos, faço minha atividade física no Eixão e depois sento aqui para tomar um vinho, bater um papo e ‘consertar’ Brasília e o Brasil. Aqui, a gente resolve qualquer problema”, brinca.

Costume parecido com o de Manuel Forero. Ele comenta que se tornou um frequentador assíduo do local depois que a pandemia amenizou. “Domingo, para mim, também é sagrado passar por aqui antes de almoçar. Faço caminhada e depois me sento para tomar um drink ou um espumante”, destaca. Nascido na Colômbia, o aposentado mora no DF desde 1978, mas conta que esteve em outros estados do Brasil. “Morei em outros lugares, que têm algo parecido com isso, mas nada se compara (ao Eixão). O brasileiro tem uma joia”, aponta o colombiano, sobre o Eixão do Lazer. “É um lugar onde você se encontra e conversa com todo mundo. Independentemente de cor, gênero ou ideologia. Aqui, todo mundo é igual”, diz.

### Momentos de paz

O trailer onde os amigos tomam as bebidas pertence ao empresário venezuelano Eládio Doruber, 63, que mora no DF há 33 anos. Ele afirma que tentou se estabelecer com seu empreendimento em vários lugares, mas, há cerca de um ano, acabou parando no Eixão do Lazer e foi onde deu mais certo. “Gosto de falar que, em Brasília, os carros predominam. Para quem tem comércio de rua, isso é muito ruim, pois a observação das pessoas se torna muito rápida”, observa. “No Eixão do Lazer, é totalmente o contrário. Por estarem caminhando ou no máximo de bicicleta, elas podem apreciar melhor, tem tempo de ver e decidir se querem ou não o produto”, ressalta.

E essa foi a razão da escolha de Eládio. Para ele, o domingo no Eixão do Lazer está dentro da “escala humana de viver”. “As pessoas namoram, relaxam, fazem poesia, etc. E nada melhor para acompanhar esse ritmo mais desacelerado do que tomar um bom vinho. Imagina só, tomar uma taça apreciando um belo pôr do sol”, destaca. “Aqui não preciso convencer ninguém que eu sou bom. O próprio ambiente já convence o cliente. O negócio se vende”, brinca o venezuelano.

### Para relaxar

Há também quem aproveite o domingo no Eixão para atividades culturais e de contemplação. Moradores no Noroeste, Lucas Mattos e Isabela Fernandes, ambos com 31 anos de idade adoram curtir os dias de sol no local. Brasileiro de nascença, o servidor público Lucas afirma que aproveita o momento para apreciar melhor a cidade. “Aqui, posso desconectar da rotina de trabalho e relaxar, para começar a semana bem”, aponta. “É um momento bem agradável, com um ambiente excelente. Não sei se consigo definir o que mais gosto aqui, acho que é uma mistura de tudo que o espaço oferece, do chorinho ao ar livre”, comenta Lucas.

Pedro Ibarra/CB/D.A Press



Choro no Eixo atrai um grande número de fãs da música brasileira

# O Eixão nosso de todo domingo

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Lucas e Isabela levam os pets para curtir um bom relaxamento



A família de Rafael e Patrícia incluiu os passeios na rotina de domingo



Amigos de longa data, Reinaldo e Manuel (D) degustam um bom vinho



A mãe Lea e a filha Marília num momento bem musical

Isabela destaca que o momento a dois com o noivo é perfeito para tomar uma cerveja. “As vezes, também gostamos de curtir o chorinho, que sempre tem por aqui. Quando chove e não dá para vir, acabamos sentindo muita falta, porque é muito bom mesmo, até para trazer nossos cachorrinhos (Cacau e Bento)”, comenta. Ela afirma que a iniciativa é muito boa e se tornou parte de Brasília.

### Banho de chuva

Mas o Eixão do Lazer também proporciona reuniões animadas para famílias, como a do casal de servidores públicos Rafael Simões, 41, e Patrícia Mariano, 37, que aproveitou o domingo de sol para levar a filha Manuela Mariano, 5, e o sobrinho João Gabriel, 17, para um passeio de triciclo. Vindos de Goiânia, eles moram no DF há oito anos. “Desde então, sempre frequentamos o Eixão do Lazer, é muito difícil ter um domingo em que a gente não vem”, afirma Rafael.

Segundo ele, é a variedade proporcionada pelo espaço que atrai visitantes. “Tem dia que a gente traz a Manu para brincar nos brinquedos infláveis, no outro a gente anda de bicicleta e também gostamos de vir para ouvir música. Todo domingo é uma atividade diferente”, destaca o servidor público. “A qualidade que essa iniciativa proporciona é impressionante. No dia a dia, cada um vive sua rotina e seu trabalho. Só que aos domingos, as pessoas se conectam no Eixão”, avalia.

Nesses oito anos frequentando o Eixão do Lazer, Patrícia comenta que a filha do casal criou uma memória que pode durar a vida toda. “Temos uma lembrança muito forte, que foi o primeiro banho de chuva da Manu, quando ela tinha 1 ano e 10 meses de idade. Foi aqui”, revela. “A gente já teve que correr algumas vezes por conta da chuva, mas, nesse dia, tomamos um baita banho”, lembra. “Para ela, foi um máximo. A experiência mais marcante da vida dela, até agora, foi tomar banho de chuva e pular em uma poça d’água, no Eixão do Lazer”, afirma Patrícia. “Vir aqui brincar, praticar alguma atividade física ou comer algo diferente, é sempre muito bom. Temos sempre a oportunidade de fazer algo novo”, completa.

### Música a céu aberto

As atividades ao ar livre que podem ser praticadas no Eixão vão além, há opções culturais nos domingos do cidadão brasileiro. Um desses projetos que é mais recente é o Choro no Eixo. Aos domingos, Márcio Marinho convida músicos de choro para uma roda ao ar livre na altura da 211 norte. Os instrumentistas juntam famílias no gramado ao lado do Eixão. “A gente fez esse projeto despreziosamente, porque a gente acredita na cultura e no choro. Ver isso como um ponto de encontro é impagável. Porque observamos que conseguimos transmitir cultura para pessoas que se amarram em estar aqui com a gente. Não consigo nem descrever a felicidade, é mágico”, conta Márcio. “A gente não imaginava proporção que iria tomar, nunca pensamos que tocaríamos para um público tão grande e diverso. Essa é a família Choro no Eixo”, acrescenta o integrante do grupo responsável pelo cavaquinho de seis cordas. “Trazer a cultura e o choro para rua mostra que Brasília é também uma cidade-parque, não apenas uma cidade-museu”, completa.

Essa música a céu aberto atrai pessoas de todas as idades. Marília Carvalho Linhares, assistente social de 24 anos, costuma frequentar o Choro no Eixo com os amigos, por gostar de atividades fora de casa aos fins de semana. “É muito gostoso estar em um ambiente assim, com boa música e com comédia em volta”, afirma. Ela pontua uma característica positiva do evento. “Rola quase toda semana e é super-acessível, seja para famílias, crianças, idosos e até pets”, avalia. A assistente social classifica como “importantíssimo” ocupar a rua para esses tipos de projeto. “Por muito tempo tivemos dificuldade de ter eventos como esses, mas Brasília está criando bons espaços de lazer. Muita gente diz que não tem o que fazer em Brasília, mas projetos como Choro no Eixo fazem com que essas afirmações caiam na mentira”, complementa.

Marília aproveitou para apresentar o projeto a quem mais ama. Ela trouxe os pais para o domingo no Eixão e o resultado foi positivo. Lea Linhares, dona de casa de 56 anos, foi pela primeira vez e disse que há mais de 20 anos não via algo musical tão legal. “Um lugar muito bom em que você se sente mais livre e a vontade e atrativo, porque não exige tantos recursos financeiros, qualquer um pode vir e se divertir”, elogia.

Pedro Ibarra/CB/D.A Press

**SESC** →

**+WB**

**ESPECIAL**



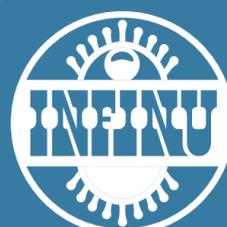
**ABRIL SÁB E DOM**  
**29 E 30 16 ÀS 21H**

**504 SUL A 506 SUL**  
**COM TRECHO W3 SUL ABERTO AO PASSEIO**

**IMPERDÍVEL**

Mais informações

**sescdf.com.br**



**BRASÍLIA**  
63 anos

Processo de revitalização da principal avenida da capital aumenta a expectativa de comerciantes e moradores do local de que um novo tempo virtuoso está por vir baseada na economia criativa

Arquivo pessoal



Raphaella aproveitando uma noite na Infinito

Kebec Nogueira/Esp. CB/D.A Press



Obras devem dar uma nova cara para a avenida mais famosa do DF

Kebec Nogueira/Esp. CB/D.A Press



Moisés Choas e o filho Ivan: "Vimos a W3 crescer ao longo dos anos"

» ISABELLA ALMEIDA

A W3 Sul serviu como shopping à céu aberto para aqueles que se mudaram para Brasília nos primeiros anos da nova capital e passou por transformações ao longo das décadas. Com o decorrer do tempo, o antigo ponto de encontro entrou em decadência, o lazer deixou de fazer parte dos caminhos da avenida e a sensação de abandono tomou conta do espaço. Propostas para revitalização da avenida começaram a ser apresentadas ainda em 2002 e, em 2020, o governo do Distrito Federal deu início às mudanças que devem deixar a W3 Sul moderninha, e quem sabe, dar ao local uma nova era de ouro.

A W3 expressa muitas histórias, não apenas por meio de espaços físicos, mas pelas memórias de quem conhece a avenida como o quintal da própria casa. Ivan Choas, segunda pessoa a nascer em Brasília e proprietário da loja Raio do Sol, na W3 Sul, há 39 anos, conta que os shoppings centers fizeram minguar a quantidade de clientes no comércio da via e aqueles que continuam comprando na W3 Sul, o fazem pela tradição criada em família.

"O grande shopping da cidade era a W3 Sul, isso mudou porque o pessoal esqueceu dela e agora vai aos shoppings mesmo. Os moradores tradicionais, por exemplo, o filho que vinha acompanhado da mãe tem lembrança de infância da W3. 'Ah! Na W3 tem aquela lojinha que vendia isso, que vendia aquilo', ele lembra, porque esse filho vinha com a mãe. Mas aqueles que não tiveram o costume de vir à W3, preferem o shopping mesmo", lamenta.

Ivan viu o lucro do comércio diminuir ano após ano, os depósitos do dinheiro das vendas, que antes eram feitos até três vezes em um único dia, passaram a ser realizados uma vez na semana, "e olhe lá". O comerciante garante que a avenida tem tudo o que alguém precisa comprar e um pouco mais, pois onde se procura produtos para casa também é possível encontrar amizade e parceria.

"W3 Sul é nostalgia e romantismo, a gente tem tudo aqui, tudo que precisamos. O que tem lá no shopping tem aqui também. Mas tem um diferencial, na W3 a gente está mais próximo do cliente, o shopping está mais distante das pessoas. O nosso cliente está ligado à gente com aquele companheirismo e aquela amizade que temos desde antigamente, porque aqui o filho comprava, o pai comprava, o avô comprava, mas hoje é bem diferente daquela época", destaca.

Apesar do tempo não regredir, são os visitantes antigos que mantêm a popularidade da avenida e, talvez, com o fim das reformas em andamento, mais pessoas sejam atraídas e o apego ao local, e aos comerciantes, tornem a surgir de novo. "O que salva a W3 ainda são aquelas pessoas de antigamente, os novos quase não têm esse romantismo pela rua. Agora, se eles fizerem essa reforma trazendo um pouquinho do que tinha lá de trás, pode voltar a melhorar", diz esperançoso Ivan Choas.

Moisés Choas, filho de Ivan, conhece a avenida há três décadas, desde que nasceu. Fez amigos pelo caminho e pela rua que o

# W3 Sul, onde o passado e a modernidade se encontram

Minervino Júnior/CB/D.A Press



A Infinito, na 506 Sul, é uma mistura de nova economia e criatividade: no espaço há shows e um comércio aquecido

assistiu envelhecer. "Vimos a W3 crescer, quando eu era pequenininho, a gente ficava do outro lado da rua, colocávamos as cadeiras comíamos ali, fazíamos lanche da tarde. Tinha muito pé de manga, a gente pegava manga verde para comer com sal, vivemos muito aqui, é nossa segunda casa."

Os processos de reforma da W3 Sul impactam diretamente no comércio local. "Essa revitalização foi muito boa para nós comerciantes. Não mudou muito a questão do consumo das pessoas, mas acabou com problemas como a queda de pedestres nas calçadas. Isso era um caos, depois que revitalizou, ficou muito bom de andar, a circulação melhorou. Agora vejo muitos idosos com cadeira de rodas elétrica passando rápido. O estacionamento também ficou legal", destaca Moisés.

## Repaginação

O comércio tradicional da W3 Sul pode até depender de seus clientes mais antigos guiados pelo hábito, mas como tudo se renova, a avenida abre espaços para atrair o público mais jovem e sacudir a poeira dos tempos de JK. Essa repaginação se dá graças a locais como a Infinito, uma comunidade criativa na altura da 506 Sul, que movimentou os novos filhos da capital com arte, cultura e modernidade.

O local iniciou as atividades em junho de 2020, com a intenção de mostrar, na prática, como funciona uma economia baseada em compartilhamento e cooperativismo, além de ter pegadas de responsabilidade socioambiental, de autonomia e autossuficiência. A Infinito tem um espaço que conta com lojas e serviços voltados para gastronomia, moda, inovação e bem-estar, além de dar destaque à cultura produzida em Brasília.

"Nossa ideia era de desenvolver uma vitrine perene do que é feito na cidade, sobretudo vinculado a ideias, projetos e empreendimentos criativos e inovadores, somando com processo de revitalização da W3 Sul. Como nosso funcionamento é bastante apertado, acabamos atendendo um público heterogêneo, o que se tornou uma força do projeto. No entanto, entendemos que os clientes têm algo em comum: são entusiastas da cultura, inovação e criatividade", conta Miguel Galvão, um dos organizadores da comunidade.

Raphaella Moino Donon, 26 anos, se mudou de São Paulo para Brasília há cinco anos e frequenta a Infinito desde o ano passado. Para ela, a comunidade criativa da W3 Sul consegue proporcionar aos moradores de Brasília, e visitantes, uma agenda cultural muito diversa. "Eu gosto bastante do espaço, acho que traz uma cara mais jovem para a Asa Sul", relata. "As pessoas costumam dizer que é um lugar de velhos (a Asa Sul)", brinca a estudante de audiovisual. "Eles trazem alguns artistas interessantes, é impressionante até mesmo pelo tamanho do local", diz.

Dos mais antigos aos mais jovens, a W3 Sul permanece como cenário de memórias e afetos dos brasilienses, com reforma ou sem, a icônica avenida continuará sendo destaque no coração de Brasília.

## ARTIGO



ANGELINA NARDELLI QUAGLIA  
mestre em arquitetura e urbanismo

## Nova configuração

A Avenida W3 Sul foi concebida inicialmente por Lucio Costa como uma "via de serviço para o tráfego de caminhões, (...) à instalação de garagens, oficinas, depósitos do comércio em grosso etc., e reservando-se uma faixa de terreno, equivalente a uma terceira ordem de quadras, para floricultura, horta e pomar. Entretanto, ao longo de

sua construção, foram acrescentados outros usos, e a avenida transformou-se num espaço onde caminhavam pessoas, com comércio ativo, bons restaurantes, como foi o caso do (restaurant) Roma — aberto ainda nos dias de hoje —, e do emblemático Cine Teatro Cultura (entre 1961 e 1976), ou Cine Cultura, como era chamado pelos

moradores na época. Ali, era o "centro" da cidade, mesmo que este já estivesse definido, composto junto a Plataforma Rodoviária, como escreveu Maria Elisa Costa, no livro Brasília 57-85: do Plano-Piloto ao Plano Piloto.

Mesmo com destinação específica dos usos, as modificações na W3 Sul foram inevitáveis, pois as cidades compõem-se por meio das mudanças culturais e sociais. As quadras 500 receberam destinações mais nobres e, no lugar das hortas, pomares e floriculturas,

foram acrescentadas as residências, nascendo as quadras 700.

As árvores ali plantadas tornaram-se frondosas, e a W3 Sul tornou-se uma importante avenida, porém, com o advento dos shoppings, as lojas, o cinema, muitos dos bares e restaurantes deixaram de ocupar a região, que deteriorou-se ao ponto de tornar-se perigosa devido a falta de uso e manutenção.

Sua revitalização mostra-se um ato de suma importância para a

manutenção da cidade, e nela devem constar: (1) aberturas de espaços de galerias com permissão de passagens de pedestres entre a W3 e W2 (2) redução de IPTU para que os comerciantes sintam-se "convidados" a ocupar a região; (3) e por ser linear, o acréscimo de um VLT, sem que seja destruída a porção de canteiro central, permitindo que no lugar dos ônibus, por vezes defasados, possa ser aplicado um serviço de transporte mais eficiente e moderno.

**BRASÍLIA**  
63 anos

Criado em 1985 e recém-reformado, o MAB se transformou num ponto de encontro para apreciadores de exposições contemporâneas no Setor Hoteleiro Norte. O espaço também oferece uma extensa programação para toda a família

» ISABELLA ALMEIDA

Entre as águas do Paranoá e a vegetação do cerrado, o Museu de Arte de Brasília (MAB), criado em 1985 graças a uma iniciativa da Secretaria de Educação e Cultura, se tornou um ponto importante para aquecer a cultura do DF e movimentar o Setor de Hotéis e Turismo Norte, onde está localizado. Em 2007 o espaço foi temporariamente fechado e voltou a reabrir somente no aniversário de 61 anos de Brasília, em 2021. Dois anos após o retorno do público, o local desponta com grande relevância para brasilienses e visitantes.

Com quase cinco quilômetros quadrados, mostras permanentes e temporárias, o MAB oferece aos visitantes um acervo composto por cerca de 1.400 obras de arte modernas e contemporâneas, além de valorizar artistas que nasceram no Distrito Federal ou que aqui foram radicados. No espaço externo também são realizadas feirinhas de cultura com expositores locais, além de haver vista para o Lago Paranoá, que por si só, é arte.

Conforme o gerente do museu, Marcelo Jorge, os visitantes descrevem o lugar como “divertido, conectado e muito bonito”. A reabertura do MAB fez sucesso e o número de pessoas que vão até o local cresceu significativamente, mostrando o potencial do museu para aquecer a cultura local. “Antes de fechar em 2007, o MAB recebia, por ano, no máximo algo em torno de 7.500 visitantes. Em 2021, o museu contou com 14.728 frequentadores, e em 2022, com 25.594 pessoas. Considerando que hoje em dia há muito mais opções de lazer na cidade do que há 15 anos, a ampliação enorme no número de visitantes demonstra que o museu tem sido um competidor de peso pela atenção dos brasilienses e dos turistas”, destaca Jorge.

Segundo Marcelo Jorge, exposições internacionais atraem visitas espontâneas. Palestras e oficinas chamam atenção de um público especializado, as feirinhas atraem quem quer fazer passeio em família para comprar produtos e assistir apresentações.

Andréia Andriele Meireles é uma das frequentadoras que gosta de ir acompanhada, não apenas para ver as obras

# Mais que um museu de arte

Kebec Nogueira/CB/D.A Press



**Erivan Hilário (E), conhecido como Ruth Venceremos, celebra o espaço: a história do povo brasileiro**

Kebec Nogueira/CB/D.A Press



**Marcelo Jorge: um lugar divertido, conectado e muito bonito**

Rodrigo Viana/Divulgação



**Andréia Meireles curte tudo que é proporcionado pelo MAB**

e participar dos eventos, mas também apreciar o local e a vista. “Conheci o MAB por meio de uma feirinha que gosto muito e que sigo nas redes sociais, a Varanda BSB. Já fui algumas vezes para passar o dia e aproveitar o espaço, que é uma delícia. Vou com minha filha e meu companheiro, aproveitamos a exposição, minha filha adora também, e a feirinha. Geralmente tem programação infantil e bandas com um som superlegal, além de já termos curtido DJs lá, adoro esse movimento do museu”, diz.

Apesar de atender tantos gostos diferentes, por conta da localização, o museu ainda é elitizado. “Apesar de contar com o privilégio de estar na orla do Lago Paranoá, ele se encontra longe dos fluxos turísticos e dos principais meios de transporte público, o que gera obstáculos ao interessado que não possua veículo próprio”, reforça o gerente do MAB.

## História

Erivan Hilário, conhecido como Ruth Venceremos, a primeira suplente de deputada federal, drag queen e produtora cultural fala sobre a relevância dos museus para que o brasileiro conheça a própria história. “É importante a gente ver o que o museu, não pensando apenas no Distrito Federal, mas no Brasil, é um espaço público que conta por meio da arte a nossa história, a história do povo brasileiro, isso é algo fundamental”, afirma.

Thiago Malva, brasiliense e neto de pioneiros, tem orgulho de dizer que nasceu na capital, mas se entristece ao perceber que poucas pessoas têm interesse em visitar os pontos culturais de Brasília. “Gosto muito de defender o que a gente tem por aqui, especialmente a parte cultural. Temos vários museus, muitas obras de arte, tem todos os tribunais e palácios tem muito conteúdo de arte, mas que os brasileiros não sabem e até mesmo os brasilienses não conhecem.”

Com a reabertura, o museu, junto à Concha Acústica, que desde 2021 é vinculada ao MAB, e os restaurantes na região movimentam pessoas, cultura e a economia na orla do lago.

40 anos  
**Sigma**

Onde os valores são prioridade,  
o resultado é consequência.

O propósito do Sigma é formar cidadãos que transformem seu potencial em grandes realizações, sempre com o olhar para os 3 pilares que formam a essência da escola: excelência acadêmica, qualidade das relações e consciência cidadã.

Completando 40 anos em Brasília, nossa escola é reconhecida por realizar sonhos com seus resultados em aprovação, consequência do seu olhar único e atento para cada um de seus estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio.

[sigmadf.com.br](http://sigmadf.com.br)

Com exposições, shows e uma intensa agenda, o centro cultural atrai moradores das várias regiões do DF interessados em conhecer artistas e obras de destaque no mundo das artes

Arquivo pessoal



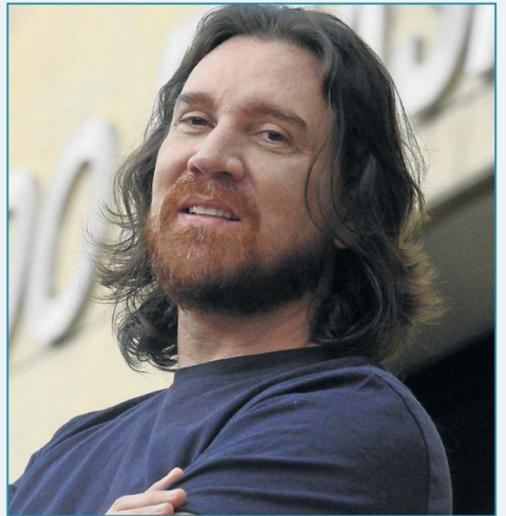
Rafael Stadniki frequenta o CCBB desde a infância e já teve a oportunidade de apresentar uma de suas produções

Arquivo pessoal



Maria Eduarda Coutinho sempre vai ao CCBB, sozinha ou com amigos, e não deixa de conferir as exposições

Carlos Vieira/CB/D.A Press



André Moreira: boas lembranças de exposições marcantes, como as pinturas de Escher e as instalações de Kusama

# CCBB é o ponto de cultura e de lazer para famílias

» ISABELLA ALMEIDA

Inaugurado em 2000, o Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) se tornou local de lazer para as famílias e parada obrigatória para os apreciadores de cultura. Graças aos espaços amplos com café, restaurante, galerias, cinema, teatro, salas, jardins e praça, o CCBB oferece ao público exposições artísticas, instalações, sessões de filmes, shows e outras atrações.

A história do CCBB se mistura com a dos frequentadores, que têm uma infinidade de motivos para visitar o local. André Luis Gomes Moreira, 48 anos, frequenta o centro cultural desde 2007, para acompanhar as exposições que sempre são renovadas. As memórias criadas pelo professor estão ligadas ao espaço, às obras vistas e aos momentos compartilhados com a família, especialmente com o filho, que atualmente tem 17 anos, mas começou a ir com o pai ao CCBB com 2 anos.

“Lembramos, vez por outra, de algumas ocasiões que estivemos juntos neste lugar. Entre elas, destaco algumas exposições realmente memoráveis, como a das pinturas de Escher, das esculturas gigantes de Ron Mueck, das instalações divertidas de Yayoi Kusama, das esculturas bizarras de realismo fantástico de Patrícia Piccini”, relata André Luis. Ele se recorda perfeitamente de outras visitas ao CCBB, nas quais

marcou presença, e que ficaram fixadas em sua memória, incluindo a que está disponível para o público atualmente. “Outro dia, nos lembramos de quão divertidas foram as do hiper-realismo e a em comemoração dos 50 anos do realismo, com pinturas perfeitas que pareciam fotografias, distribuídas em duas galerias dedicadas ao fotorealismo e à realidade virtual. Não podemos deixar de destacar a que nos apresentou as pinturas do saudoso Ariano Suassuna e a mais recente, que subvertia nossa imaginação pela ilusão de ótica, que piscina fantástica, de autoria do artista Leandro Erlich”, ressalta.

Segundo Moreira, o CCBB, suas exposições temporárias e o espaço permanente são parte do tempo livre da família, pois tudo que acontece ali é digno de ser lembrado. “Viver é construir memórias, sobretudo com quem amamos! Sempre que vamos lá, levamos alguém junto, pois o ambiente é convidativo à apreciação estética, à convivência ao ar livre, a um bom lanche ou piquenique, mas, sobretudo, à instigação de nossa criatividade”, enfatiza Moreira.

Ele elogia também a programação do cinema e do teatro, sem se esquecer da habilidade de quem trabalha no local para fazer que tudo funcione. “A versatilidade do espaço e a programação cultural são, de fato, sedutoras para um programinha leve de fim de semana com amigos e com a família. Vale ir com tempo, sem pressa, para passar umas boas horas de descanso. Felicidade é ter tempo, e o CCBB é um ambiente que nos tem



**A versatilidade do espaço e a programação cultural são, de fato, sedutoras para um programinha leve de fim de semana”**

**André Luis Moreira,**  
frequentador



**Em uma dessas experiências, pude conhecer inúmeras peças do Egito Antigo, em uma imersão pelos períodos e costumes”**

**Maria Eduarda,**  
frequentadora

favorecido bons momentos de alegria, de cumplicidade e de aprendizagens. Brasília está de parabéns por ter acolhido esse espaço cultural”, comemora.

## Desde a infância

Rafael Stadniki, 24, conheceu o CCBB na infância, em 2005 foi para visitar a exposição “Antes — Histórias da Pré-História”, desde então nunca mais parou de visitar o centro cultural. Stadniki narra a experiência como se ela ainda estivesse fresca na memória. “Eu conheci quando era criança ainda, não consigo me lembrar quando foi. Mas uma memória muito forte que tenho foi uma exposição, logo no início dos anos 2000, sobre o período pré-histórico. Era enorme e usava todos os galpões do CCBB com fósseis de animais, objetos feitos pelos antepassados dos humanos, foi sensacional”, destaca.

Apesar de ter diminuído a frequência que vai ao CCBB, o editor de vídeo ainda visita o local, seja para aproveitar o espaço, ver filmes ou conhecer novas exposições. “Já fui frequentador assíduo do CCBB ali na adolescência. Inclusive, é engraçado porque fiz muitos amigos, gente que é capaz de encontrar lá, se for visitar agora, que vivem por lá mesmo.”

Stadniki conta ainda que sempre prestigiou as mostras de filmes, até que, quatro anos atrás, teve a oportunidade de estar do outro lado do palco. “Por muito tempo, fui espectador das mostras do CCBB. Mas, em 2019, uma das coisas mais legais, como frequentador do espaço, me aconteceu: pude exibir um de meus filmes lá! Foi o curta-metragem Sinucada, na Mostra Brasília em Plano Aberto”, conta entusiasmado.

## Romântico

Rafael deixa a dica para ninguém perder o que é proporcionado pelo CCBB. “É muito massa ter um local de excelência e com tanta exposição gratuita de qualidade em Brasília. E além disso, é um ótimo lugar para encontros românticos também! Quem nunca marcou um date no CCBB tá perdendo.”

A designer Maria Eduarda Coutinho, 23, acredita que o espaço cultural é diverso por oferecer diferentes programas, até mesmo gratuitos, além de permitir atividades em grupo ao ar livre em um ambiente bonito e organizado. “O CCBB é um dos espaços democráticos e culturais de Brasília, que conta com exposições gratuitas, shows, mostra de filmes, teatro, feiras e etc. Sem falar da área verde enorme que tem lá, que nos possibilita levar toda a família e os amigos, fazer um piquenique e até comemorar aniversário ao ar livre”, diz ela.

Maria Eduarda conta que as exposições são imersivas, o que deixa tudo mais encantador. “Em uma dessas experiências, pude conhecer inúmeras peças do Egito Antigo, em uma imersão pelos períodos e costumes. Peças que eu só veria se viajasse para o próprio Egito ou algum outro país”, afirma.

Apesar de gostar muito do local, a designer conta que falta acessibilidade para quem não tem veículo próprio. “Minha crítica maior é em relação ao transporte para o local, eu moro perto e é tranquilo para eu acessar, mas vejo o problema no meu próprio grupo de amigos... Fico imaginando o quanto isso restringe o acesso de quem mora mais longe ou é de classe média baixa e quer proporcionar um entretenimento gratuito e saudável aos filhos”, acrescenta Maria Eduarda.



CCBB, no Setor de Clubes Esportivos Sul, também é ponto de encontro de crianças

**É pix**  
**É pix**  
**É hora**  
**É hora**  
**É hora**  
**Rá**  
**Tin**  
**Bum**

Quem apoia todo dia medidas inovadoras, como o Pix, criado pelo Banco Central, não poderia deixar de comemorar o aniversário de uma cidade que nunca deixou de estar à frente do seu tempo.

**/ Feliz aniversário, Brasília.**

**FEBRABAN** FEDERAÇÃO  
BRASILEIRA  
DE BANCOS

BRASÍLIA  
63 anos

A Batalha do Museu traz a cultura dos quatro cantos do Distrito Federal para a região central da cidade. "Aqui é um lugar para todos, independentemente de classe social, cor, gênero, religião", destaca Lolly Farias, organizadora

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



Batalha do Museu se transformou num espaço das quebradas no centro da cidade

# Hip-hop invade o coração da capital

» PEDRO IBARRA

Há 11 anos um grupo de amigos queria se encontrar para treinar um pouco mais a forma como rimavam no improviso. Em Brasília, o melhor lugar para isso era onde todos conseguiriam chegar com facilidade. Por isso, o Museu da República, ao lado da Rodoviária, era o melhor ponto. O que eles não esperavam é que aquele encontro seria muito mais do que só um grupo de colegas rimando e entraria para a história recente de Brasília.

Os amigos estavam começando ali a Batalha do Museu, uma das mais tradicionais batalhas de rap da capital. "Minha intenção nunca foi criar uma batalha, só queria encontrar uns amigos para rimar juntos, melhorar meu nível de freestyle e ver as pessoas que gosto", explica Gerson Macedo de Oliveira, o Zen MC, fundador da Batalha do Museu.

Com o tempo, o grupo foi aumentando, os curiosos foram se aproximando e atualmente, pouco depois de completar 11 anos de existência, o projeto tem uma média de 70 a 80 pessoas por edição, em eventos especiais o número chegou a 400, contando quem estava rimando e quem estava assistindo. "Aqui é um lugar para todos, independentemente de classe social, cor, gênero, religião... Já ouvimos diversas vezes a frase 'A batalha salvou minha vida'. E, eu posso afirmar que isso é real", enfatiza Lolly Farias, a responsável pela organização da Batalha atualmente.

Lolly fala que a importância é social, para além do divertimento que foi a ideia inicial, o projeto é uma oportunidade. "Ajudamos as pessoas que querem ser ajudadas, mostramos para várias que existem alternativas além do crime, amenizamos a depressão de muitos, e lutamos diariamente para ajudar a combater este mal que têm tomado conta da nossa geração. Eu resumiria a batalha de Mc's em: 'Salvamos vidas através das rimas'", diz a organizadora.

O caráter social só é possível porque a batalha aceita a diversidade e une as pessoas. "No museu, você encontra Mc's de diversas localidades do DF e do Entorno, que habitam um espaço que é um dos cartões postais da cidade e mais que isso, colocam o rap do DF como um desses cartões postais", afirma Vírgulas, um dos organizadores da Batalha da Escada, na Universidade de Brasília (UnB), que também frequenta o Museu para entoar as próprias rimas. O artista entende o A Batalha do Museu como um grande ponto de encontro central da cultura hip-hop da capital.

"O DF atualmente tem mais de 60 batalhas acontecendo toda semana. Cada uma com suas particularidades. A batalha do museu ocupa um espaço importante nisso tudo por estar em uma região central, servindo de ponto de encontro e firmamento da nossa cultura", conta o rapper Vírgulas, que começou a frequentar o Plano Piloto para participar destes encontros. "Eu moro na Ceilândia, não costumava tanto ir até o Plano, antes de começar a estudar lá (na UnB), pode-se dizer que boa parte das vezes que fui ao Museu foi por conta da batalha e continua sendo".

A centralização, portanto, é um caráter importante. O fácil acesso de ônibus tornou-se em um acesso da cultura hip-hop ao coração de Brasília. "Algo muito bonito de se reconhecer; são as periferias ocupando o centro da cidade, espaço esse que foi negado por tanto tempo; é uma manifestação de existência e um grito de resistência", afirma Biro Ribeiro, poeta, Mc, compositor e primeiro campeão da Batalha do Museu. Para ele, há uma mensagem em rimar. "É dizer ao centro que a gente produz e nossa arte é rica, ela importa muito", comenta.

Para algo que começou despretensiosamente apenas para encontrar um divertimento com os amigos, a Batalha do Museu chegou muito longe. Já tem edição especial marcada para o próximo dia 30, com o Interstadual de Mc's com artistas do DF, Goiás, São Paulo. Bahia e



Hip-hop é arte, salva vidas, conta e faz história. Estamos lutando para que sejamos um patrimônio cultural"

Lolly, rapper e organizadora do evento



Eu acredito que a Batalha do Museu ressignificou o espaço do Museu Cultural da República"

Biro Ribeiro, primeiro campeão da Batalha do Museu

Alagoas. "Histórico, satisfatório e gratificante. São anos e anos de muita luta, ocupar o centro da capital do Brasil só nos faz ter mais certeza de que estamos no caminho certo", analisa Lolly. "O dever, sem dúvidas, foi cumprido, o objetivo principal é aliviar o estresse da rotina cotidiana por meio dos versos, acho que não falta nada", comemora Zen.

## Museu é lugar de rap

O Museu é um dos personagens dessa história que vem sendo desenvolvida há 11 anos por artistas de todo o DF. A monumentalidade da região ganha nuances do estilo urbano e os jeitos de falar, as gírias e as referências de todas as regiões administrativas, idades e classes sociais. "Eu vejo que a Batalha do Museu se tornou um dos eventos culturais do DF mais importantes para a capital; não consigo me lembrar de algum outro evento que esteja em atividade de forma contínua e periódica como o Museu por tanto tempo", explica o rapper Biro. "O Museu se estabeleceu como um pilar da cultura do DF e se tornou também uma das Batalhas de Mc's mais importantes de todo país e pra mim é uma honra ter sido o primeiro campeão da história do Museu e poder fazer parte de uma história tão linda", completa.

Por meio da batalha e com a importância que o evento ganhou, pessoas que não frequentavam a região central e, principalmente, museus, passaram a ocupar um espaço que nunca foi muito convidativo para o público da periferia. "Eu ressignifiquei minha relação com Museu. Antes enxergava como algo distante da minha percepção artística, um lugar que não condizia com minhas visões de mundo e minha realidade", conta Biro.

"Eu acredito que a Batalha do Museu ressignificou o espaço do Museu Cultural da República. É simbólico que um elemento da Arte como o Museu, que por diversas vezes é visto por uma ótica elitizada, de distanciamento, se "integre" a um movimento que nasceu e que representa as ruas e as periferias das cidades. É o hip-hop rompendo barreiras e se posicionando pelo seu direito à cidade, conquistando espaços que antes nos foram negados", acrescenta o rapper.

A união Museu e hip-hop chegou ao ápice. Afinal, a Batalha foi para dentro do Museu. "Recentemente fizemos um evento dentro do Museu Nacional da República, em 11 anos, foi a segunda vez que ocupamos este espaço. Fomos super-abraçados por toda equipe. Porém, nosso maior apoio hoje, vem da Biblioteca Nacional de Brasília, que nos fornece autorização e energia para realização do evento", conta Lolly. "Foi algo mágico. Muitos não faziam ideia do que era aquilo e nem o que acontecia ali, tão pertinho. Um evento fez com que abrissem os olhos para nossa cultura. Hip-hop é arte, salva vidas, conta e faz história. Estamos lutando para que sejamos um patrimônio cultural", conta. "É uma honra ter este apoio, temos uma boa relação com todos. Respeito de ambas as partes faz com que a cultura permaneça viva", conclui.

A mensagem que fica é de que não há limites para o hip-hop. "A batalha do museu é mais uma manifestação da grandeza da arte periférica que pulsa, resiste e ocupa cada pedacinho desse país e estar na área central de Brasília é uma forma de mostrar que nós estamos por toda parte", diz Vírgulas. "O hip-hop habita todos os espaços e os que ele ainda não habita é só por uma questão de tempo", adiciona.

Por conta de eventos como a Batalha do Museu, dá para dizer que Brasília também é a cidade do rap. "Nossa cidade é conhecida como a capital do rock, fora isso também fez história com o rap a partir dos anos 1990, eu diria que nós (a geração do freestyle) somos descendentes de toda essa vontade de mudança que o rock e o rap já traziam nas suas letras e nas suas causas, as rimas narram tudo que aconteceu nas ruas da nossa cidade, as rimas são um reflexo do nossos sentimentos e vivências", reflete Zen.

BRASÍLIA  
63 anos

## ARTIGO

THIAGO SEBASTIANO DE MELO  
docente no Centro de Excelência em Turismo (CET/UnB)A capital fica  
mais velha e  
mais interessante

A sociedade de serviços, também chamada de pós-industrial, se firma dia a dia. Relevante para o Produto Interno Bruto (PIB) de muitos países, os serviços também se configuram como componente cada vez mais notável da sociabilidade contemporânea. A dimensão dessa influência é tamanha que um grande estudo do fenômeno turístico, o britânico John Urry, afirmou, em uma de suas principais obras, que agir como turista é condição do sujeito moderno. E esse sujeito, em linhas gerais, é ávido por novidades e está conectado com demandas globais que se internalizam como desejo.

A sede dos Três Poderes da República se impõe, por muitos motivos, como um marco da arquitetura e projeto social moderno. Mas a história dos fluxos turísticos de nossa capital não se inicia em busca de sua paisagem, expressões culturais e artísticas, nem mesmo de suas muitas outras opções de lazer.

Brasília é Patrimônio Mundial da Humanidade. Antes mesmo de receber tal honraria, concedida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1987, já atraía milhares de residentes e visitantes. Durante sua construção, se notabilizou a chegada contínua e crescente de pessoas, em sua imensa maioria, trabalhadores e trabalhadoras, para a então futura nova capital do país.

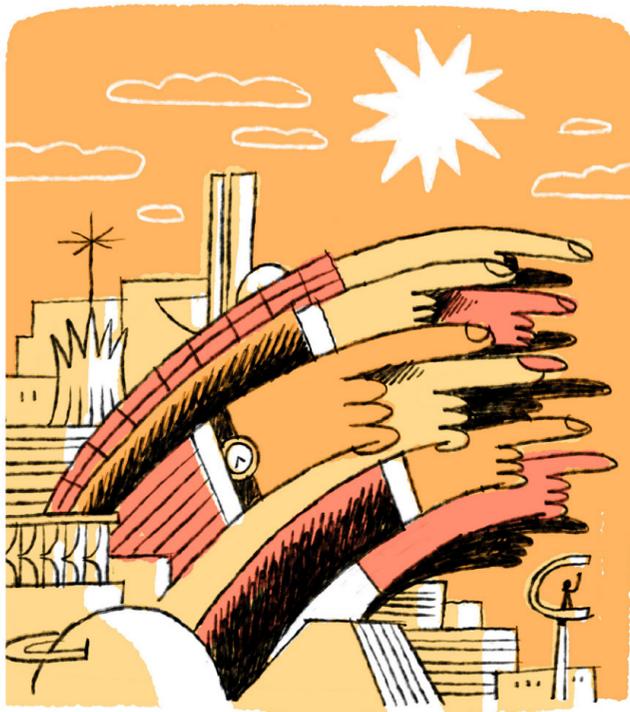
Tal poder de atração só aumentou com o tempo e hoje a capital conta, em

sua peculiar estrutura administrativa, composta por 33 regiões administrativas (RAs), que já foram conhecidas como cidades-satélites, com mais de 3 milhões de habitantes e um intenso fluxo de visitantes.

Nesse universo, apelidado carinhosamente de quadradinho, em referência ao formato geométrico dos limites administrativos, há muito que se conhecer. O turismo desponta como importante vetor de desenvolvimento, notadamente do ponto de vista das ocupações relativas ao fenômeno turístico. Em suas múltiplas dimensões e escalas, esse conjunto de experiências fascina quem tem a possibilidade de acessá-las.

Para além do horizonte do que está consagrado na publicidade turística e reconhecido pela patrimonialização, Brasília completa seus 63 anos vendo emergir nas paisagens novos frutos turísticos cerratenses. Vejamos as cores de dois deles. A participação da população negra na construção de Brasília e no seu desenvolvimento, compreendidos de modo mais amplo possível, é marcante. Mas onde pode ser visualizada? Percutindo cuidadosamente as marcas históricas dessa presença no Plano Piloto, a agência Me Leva Cerrado elaborou um roteiro que revela tal trajetória e problematiza sobre seu apagamento.

Conduzido pela guia de turismo Bianca D'Aya, o tour ressalta personagens, lugares, histórias e cultura negra. Seu nome? Brasília Negra.



Essa experiência conta com a parceria do Guia Negro, plataforma de afroturismo que teve início com a Caminhada São Paulo Negra e hoje organiza propostas semelhantes em outros seis estados.

Mudando de ares e áreas, o convite é para experimentar o Turismo Fora Do Avião (como é conhecido o Plano Piloto por seu desenho, que em verdade faz referência, segundo Lucio Costa, ao sinal da Cruz). Sua idealizadora e executora, a bacharela em turismo e mestra em preservação do patrimônio cultural, Aline Karina, invita para adentrar a seara turística das demais RAs do Distrito Federal, também objetivando a valorização da memória

e da cultura negra e periférica. Destaca-se nessa proposta, o roteiro da RA XIV, São Sebastião. Por meio da Sebas Turística, o Turismo de Base Comunitária (TBC) floresce com força e esplendor para valorizar os personagens, a cultura e a história deste local, fundamental na construção de Brasília. Ressalta-se, por fim, o Guia do Afroturismo no DF e Entorno, onde estão catalogados equipamentos e experiências semelhantes.

A inovação social de experiências como as expostas são índices de que turismo e economia criativa podem e devem dialogar. Que ambas as jovens empreendedoras sejam graduadas em turismo pelo Centro de Excelência

em Turismo (CET) da Universidade de Brasília (UnB) não é mera coincidência. Se a história da UnB se funde com a história de Brasília, os rumos do turismo nacional e local ganharam um grande aporte com a organização do CET, que tem participado ativamente na construção de políticas públicas, entre as quais merecem destaque os recentes documentos Política Nacional de Qualificação em Turismo e Cartilha para Plano Diretor Orientado ao Turismo. O CET se orgulha de contribuir para um jardim tão promissor.

A transformação na composição do corpo docente e discente nas universidades públicas nos últimos anos, que se reflete nitidamente na UnB, dá o tom dos novos sons das canções turísticas brasileiras. Os pássaros da contemporaneidade entoam melodias que encantam quem busca novidades e quer se afastar das formas pouco harmoniosas com as comunidades locais que caracterizam o chamado turismo de massa. A soma de temas historicamente relegados e a emergência de novos regam o florescimento de experiências calcadas na exaltação e defesa da diversidade existencial. Visitar um produtor artesanal de tijolos e tomar conhecimento dos aspectos históricos da construção do Plano Piloto e seus inúmeros monumentos é, concomitantemente, educativo e uma contribuição social ao fortalecimento das comunidades.

Tais experiências crescem e avançam no DF. Dos assentamentos de reforma agrária que se abrem para visitas às ocupações culturais, o tecido social brasileiro que sustenta as experiências turísticas e é por elas fortalecido se firma como terra fértil para quem busca (re)conhecer a diversidade existencial que constitui a capital. Focando nos exemplos supracitados, é possível assegurar que a potência do TBC consorciado com o afroturismo plantou sementes cujos frutos brindam mais um aniversário deste projeto popular chamado Brasília!

Conselho Nacional atua em prol  
do desenvolvimento da indústriaATUAÇÃO DESENVOLVIDA PELO CNSESI É RESPONSÁVEL POR PLANEJAR E EXECUTAR MEDIDAS QUE  
CONTRIBUEM COM O BEM-ESTAR SOCIAL DOS TRABALHADORES DO SEGMENTO INDUSTRIAL

Apresentado por:

CONSELHO NACIONAL  
**SESI**  
Serviço Social da Indústria  
PELO FUTURO DO TRABALHO

Em 1946, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) criou o Serviço Social da Indústria (SESI) para a entidade planejar e executar

medidas que contribuam, diretamente, para o bem-estar social dos trabalhadores na indústria e nas atividades assemelhadas, concorrendo para a melhoria do padrão de vida no país e, também, para o aperfeiçoamento moral e cívico, além do desenvolvimento do espírito da solidariedade entre as classes.

Com 18 serviços, entre cursos, diagnósticos e consultoria, o SESI busca

apoiar as empresas na gestão da segurança, saúde do trabalhador, na avaliação do ambiente físico de trabalho, educação básica e continuada, saúde e segurança na indústria, cultura e cooperação social, na identificação de situações de risco e na criação de medidas de correção. O intuito é transformar vidas para uma indústria mais competitiva. Para que todo esse papel seja desenvolvido com êxito, foi

instituído o Conselho Nacional do Sesi.

"Temos por finalidade exercer o papel normativo, deliberativo e de fiscalização do Sesi, em especial, deliberando sobre estratégias institucionais com a geração de valor para o SESI, a indústria, os trabalhadores e a sociedade", explica Vagner Freitas, presidente do Conselho. Na prática, o CNSESI busca definir as diretrizes e fiscalizar os projetos e ações do conjunto

das entidades de SESI existentes em todos os estados do país, respeitando a autonomia de cada unidade.

Segundo Vagner Freitas, o Conselho pautará as suas ações no sentido de incentivar a ampliação de ensino gratuito à sociedade, com o objetivo de preparar o Brasil para um processo de reindustrialização do país, o qual deve ocorrer já no formato da chamada revolução industrial 4.0.

## ENTREVISTA / VAGNER FREITAS

**Por que o Conselho Nacional do SESI foi criado e qual a sua importância?**

O Serviço Social da Indústria (SESI), criado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), tem por escopo estudar, planejar e executar medidas que contribuem para o bem-estar social dos trabalhadores na indústria.

Os membros do Conselho de Representantes da CNI, assim que tomaram conhecimento do texto presidencial, aprovaram o 1º regulamento da instituição que compreendia um Conselho Nacional, um Departamento Nacional e Órgãos Regionais para atender todo o território nacional. Mais tarde, em setembro de 1947, foi inaugurada a primeira sede do Conselho Nacional do SESI, em São Paulo.

Dessa forma, o Conselho Nacional do SESI tem por finalidade exercer o papel normativo e deliberativo do SESI, a fim de contribuir nas decisões estratégicas institucionais e com a geração de valor para o SESI, a indústria, os trabalhadores e a sociedade.

**Como o Conselho avalia o potencial da indústria no Brasil?**

O Brasil vem convivendo, nos últimos 30 anos, com um processo acelerado de desindustrialização como efeito adverso da globalização da economia mundial. Entretanto, o atual cenário internacional sinaliza uma reversão de conceitos, onde haverá uma internalização de indústrias para diversos segmentos considerados estratégicos, como o de insumos para medicamentos, microchips e fertilizantes.

O Brasil dispõe de grandes estoques de insumos de matérias-primas básicas, de grandes e diversificadas fontes de potenciais energéticos, de capital humano desempregado, e, também, de uma grande escala de mercado consumidor. O país poderá avançar na industrialização tanto de produtos intensivos de mão de obra como também de ponta tecnológica. Já Brasília, deve seguir um modelo de indústria mais intensa em capital intelectual, menos dependente de água e energia.

**Na avaliação do Conselho, quais as tendências da indústria para este ano?**

Para este ano, a indústria nacional deve continuar com um baixo crescimento, decorrente principalmente da elevada taxa de juros imposta pelo Banco Central do Brasil, porém com o segmento mais atento às expectativas futuras de crescimento para os próximos anos.

**De que forma a educação, a saúde e a segurança no trabalho podem ser otimizadas no Brasil?**

O Brasil já dispõe de muitas estruturas instaladas no território nacional. Uma forma mais rápida e barata para o país seria ampliar o funcionamento destas atuais plantas para funcionamento noturno e de finais de semana, principalmente para atender comunidades mais carentes e micro e pequenas empresas. Também é interessante prever maiores investimentos públicos e do próprio Sistema 'S' no aprimoramento e formação dos profissionais dos setores.

CNSESI/Divulgação



Gabriella Collodetti

O parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek é um dos locais mais bonitos da jovem capital e merece ser celebrada no aniversário de 63 anos de Brasília

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Para Alexandre Araújo, o local é saúde e ponto de encontro com amigos

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Sharlene de Sousa gosta de andar de patins no parque após o trabalho

Ed Alves/CB/D.A Press



Efigênia faz massagens no Parque da Cidade há 17 anos

Minervino Júnior/CB/D.A Press



O Parque da Cidade é o caminho entre a casa e o trabalho de Izadora Nogueira

» NAUM GILÓ

Além de proporcionar uma experiência agradável aos visitantes, com intensa arborização e o lago cujas imediações são ideais para piqueniques, o Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek também é um espaço bastante usado pelo brasilienses para a prática de esportes. O cartão postal localizado no centro de Brasília é o maior parque urbano do Brasil, com 420 hectares de área. O local recebe, em média, 14 mil pessoas de segunda a sexta-feira e 37 mil aos fins de semana, sendo um dos maiores pontos de encontro de turistas e brasilienses em busca de momentos de paz e lazer.

O parque é um luxo na paisagem urbana da aniversariante Brasília. Com projeto de Oscar Niemeyer, obra paisagística de Burle Marx e área urbanística desenvolvida por Lucio Costa, o parque ainda coleciona azulejos de Athos Bulcão.

O servidor público Alexandre Araújo de Oliveira Silva, 38, frequenta o local três vezes por semana para correr. “É o espaço que mais gosto para praticar esportes, principalmente a corrida. O parque é vida, encontro com amigos e saúde”, descreve. Sharlene de Sousa Santos, 39, gosta de usar as pistas do parque para andar de patins. O local costuma ser destino para a moradora de Sobradinho aos domingos e às quartas-feiras, após o trabalho. “Gostaria muito que houvesse um parque como esse perto da minha casa. Por lá, não tem muitos percursos seguros para andar de patins”, lamenta a técnica em radiologia.

Sharlene gosta muito do Parque da Cidade, mas defende que deve haver melhorias na iluminação do espaço. “Já deixei de vir para cá, por considerar o horário muito tarde e não achar seguro para mim”, confessa.

O parque é uma rotina na vida de Izadora Nogueira, 30. O local é rota entre a sua casa e o trabalho, trajeto que faz diariamente de bicicleta. Ela chegou a Brasília há apenas dois meses, vinda de Goiânia. “Acho o parque lindo. Às vezes, estou muito estressada e fico à beira do lagozinho, vendo os gansos. Isso me distrai e relaxa”, diz a assessora jurídica. Izadora conta que é possível ir de casa para o trabalho por outros caminhos, mas que faz questão de passar por dentro do Parque da Cidade. “Acho muito bom, sinto-me segura. Sempre tem gente caminhando por aqui”.

# O parque dos brasilienses

Ed Alves/CB/D.A Press



O Parque da Cidade é o lugar preferido de Fábio Henrique (C), que dá aulas de futevôlei no local

## Você sabia?

O Parque da Cidade dispõe de diversos equipamentos para o uso do público. Veja o que o visitante pode encontrar no local:

**49** churrasqueiras

**8** quadras de futebol de campo

**1** quadra de futebol de areia

**3** quadras de Beach Tennis

**14** quadras poliesportivas

**5** quadras de vôlei de concreto

**5** quadras de vôlei de praia

**2** quadras de futevôlei

**1** quadra de frescobol

**2** quadras de vôlei de saibro

**5** quadras de tênis de concreto

**6** playgrounds

**16** conjuntos sanitários

**6** parques infantis

**5** pontos de encontros comunitários (PEC)

**4** circuitos inteligentes

Restaurantes, Hípica, Parque Temático e pista de Kart

O educador físico Fábio Henrique Martins Mesquita, 28, dá aulas de futevôlei na quadra de areia localizada próxima à administração do parque. São mais de 100 alunos, em três turmas, que aproveitam o local para praticar o esporte sob o sol matinal do Planalto Central. “O Parque da Cidade é o lugar mais especial de Brasília. É bem cuidado, apesar de precisar de algumas melhorias. Mas é meu lugar preferido na cidade”, revela Fábio.

Ele é morador do Sudoeste e vai para o parque de bicicleta todos os dias. Quando não é para ministrar as aulas para os alunos, é para o treino próprio. Fábio também é atleta amador e usa o espaço para correr. Entre as melhorias necessárias, o educador físico aponta a iluminação pública e uma maior quantidade de chuveiros.

## Ganha-pão

O Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek é uma das principais áreas públicas de lazer do Distrito Federal e é, também, o local onde diversos comerciantes ganham o sustento. Efigênia Gomes, 63, está há 17 anos fazendo massoterapia em visitantes do parque. Ela conta que o parque não mudou muito desde então, exceto pela segurança. “De cinco anos para cá, aumentou muito o número de pessoas em situação de rua por aqui. Já houve dias em que cheguei ao meu ponto e encontrei pessoas dormindo aqui dentro”, desabafa Efigênia.

Ela atende cerca de 30 pessoas por semana no ponto que fica próximo à administração do parque e às quadras de areia. “Para mim, o parque é diversão, é estar no meio da natureza, dos pássaros e é, principalmente, o meu ganha-pão”, diz a massoterapeuta. “Neste aniversário, o meu desejo para Brasília e para o Parque da Cidade é mais segurança”.

Procurada pelo **Correio**, a Secretária de Esporte e Lazer informou que traçou um mapeamento dos pontos de iluminação do Parque da Cidade, que foi repassado para a Companhia Energética de Brasília (CEB) e Neoenergia. Segundo a pasta, ambos os órgãos estão fazendo as manutenções necessárias.

Em relação aos moradores de rua, a secretária informou que está em contato com os órgãos responsáveis com o intuito de elaborar um plano de trabalho para solucionar a situação da melhor forma possível. Sobre as ocorrências de furtos, foi informado que o policiamento será reforçado para dar mais segurança aos frequentadores do parque.

Kebec Nogueira/Esp. CB/D.A Press



“Cheguei em Brasília em 1980, na 108 Sul. Num cenário totalmente novo e inusitado, comecei a vivenciar a cidade entre as quadras da Asa Sul e, assim, cresci aqui. Há mais de 21 anos no mesmo bloco, agora na 308 Sul, tendo percorrido o Brasil inteiro tantas vezes com meus amigos d’Os Melhores do Mundo e rodado um bocado pelo mundo, posso dizer que meu lugar de viver é Brasília. Nesta cidade-bosque, tão belamente

orquestrada, meu pouso favorito é o Parque da Cidade. Privilégio para todo o DF, ali, entre a Nicolândia, o Foguetinho do Ana Lúcia e toda sua vastidão, vi meus filhos crescerem, fizemos piqueniques, dei longas e proveitosas corridas (eh, saudade!), faço minhas caminhadas e mergulhadas, em bucolismo e reflexões”

**Adriano Siri,**  
ator e fundador da cia. de comédia Os Melhores do Mundo

BRASÍLIA  
63 anos

Parques urbanos e unidades de conservação localizados dentro do Plano Piloto são opções de entretenimento, lazer e relaxamento para os brasilienses

» MILA FERREIRA

Brasília tem parques que compõem a beleza natural da cidade e são opções de lazer e relaxamento ao ar livre. Frequentados por milhares de pessoas ao dia, o Parque Ecológico Olhos D'Água e o Parque do Bosque do Sudoeste estão entre os mais preferidos pelos brasilienses.

Para quem gosta de fazer caminhada e corrida, o Parque Olhos D'Água conta com uma pista de 2,1km. É o caso do servidor público Edgar Rezende, 46 anos. Morador da Asa Norte, ele gosta de ir ao parque para caminhar e relaxar. Natural de Belo Horizonte, o servidor público mora em Brasília há dois anos e frequenta o parque há um. "A preservação da natureza me atrai. O ambiente aqui é muito agradável, além de ser perto da minha casa", diz.

Criado em 1994, o Olhos D'Água tem 21 hectares no total e é frequentado hoje por cerca de 30 mil pessoas ao mês, principalmente da Asa Norte. O parque conta com um gazebo construído para receber aulas coletivas. A aposentada Ruth Vieira, 61, frequenta o local diariamente. Uma das atividades praticadas por ela é a aula gratuita de ioga. "Venho aqui todos os dias há três anos. Quando não estou na aula de ioga, estou caminhando, fazendo meditação ou apenas lendo e contemplando", descreve a aposentada.

### Parque do Bosque

Inaugurado em 2013, o Parque do Bosque é uma opção de parque urbano localizado no Sudoeste. Além de uma pista com percurso de 1,05km, utilizada para caminhada e corrida, o local tem ainda aparelhos de ginástica e um amplo espaço usado para passeios com crianças e animais, além de atividades de entretenimento.

Os domingos pela manhã contam com uma roda de samba e chorinho, que atrai pessoas de todas as idades. Por dia, de segunda a sexta-feira, o parque recebe entre mil e 1,5 mil pessoas em média. Aos finais de semana, o número de frequentadores aumenta e chega a até 2,5 mil pessoas por dia. Quando há algum evento no local, o parque chega a receber 3 mil visitantes.

O dentista Gustavo Peixoto, 37, frequenta o Parque do Bosque semanalmente com o filho, Vicente, 1. "Sou de Uberaba e moro em Brasília há seis anos. Desde que me mudei com minha família, estou morando no Sudoeste e sempre venho ao parque. Meu filho adora vir, ver os passarinhos e também os cachorros", aponta o dentista. "Nós gostamos de ver o chorinho aos domingos e eu também gosto de jogar xadrez com o pessoal aqui", finaliza. Por ter um amplo espaço além das pistas de caminhada e bicicleta, o Parque do Bosque atrai muitas pessoas com animais de estimação. É o caso de Nivaldo Teixeira, 59, militar reformado, que vai todos os dias ao local de manhã e de tarde levar o cachorrinho Nick para passear. "O parque é ótimo em todos os sentidos. Fiz várias amizades aqui", revela Nivaldo.

# Um lugar de paz e de exercícios

Mariana Lins/CB/D.A Press



Gustavo de Castro com o filho Vicente no Parque do Sudoeste

ARTIGO

DAD SQUARISI

## Brasília das cores, vozes e odores

*Ciceroneie um turista alemão pelos pontos mais interessantes de Brasília. Era o ano de 1968. O tour terminou no segundo andar da Torre de Televisão. Lá do alto, ele mirou a vastidão que se abria à sua frente. Fixou o olhar num casal com duas crianças e muitas sacolas que tentava atravessar o Eixo Monumental. Comentou:*

*— Esta cidade não foi feita para as pessoas. Veja como elas são insignificantes diante dos prédios, dos carros, da imensidão das pistas.*

*Hoje, 55 anos depois, ele teria a mesma opinião? Aposto que não. O guia o levaria ao Eixão do Lazer no domingo. No trajeto, ele veria que o brasiliense não buzina, respeita a faixa de pedestres, cumprimenta o desconhecido na rua, no elevador, no metrô.*

*Ao chegar, veria de perto o melhor de Brasília — o brasiliense. Gente pequena e gente grande enchem o dia de cores, vozes e odores. Crianças correm, gritam, jogam bola, puxam carrinhos e passeiam cachorros.*

*Skatistas se equilibram em voos que desafiam a gravidade. Corredores invadem o asfalto. Ciclistas pedalam misturados com pedestres que vão e vêm. Cadeirantes circulam, vendedores negociam, olhares se encontram.*

*É o patrimônio mais precioso da cidade que ganha pernas. Contemporâneo dos novos tempos, relega ao passado a afirmação de que a capital é formada de cabeça, tronco e rodas. As rodas continuam em alta. Mas perderam a exclusividade.*

*A capital de todos nós nasceu em 21 de abril. É taurina. Quem vem ao mundo sob o domínio de Touro tem determinadas características. O Almanaque de cultura popular as sintetiza assim:*

*“Como o animal que o representa, trabalhador da terra, o nativo em Touro esbanja persistência, determinação e racionalidade. Não sabe lidar com preguiça, descompromisso ou irresponsabilidade. Os taurinos costumam ter prazer em cultivar hábitos e gostam de fazer as coisas do seu jeito. No entanto, caso entendam que uma mudança é necessária, não pestaneiam em pô-la em prática.”*

*Aos 63 anos, comparada com ilustres quatrocentonas como São Paulo e Rio, a capital é bebê que usa fraldas. A tenra idade, porém, não significa inocência. Ela reflete os problemas das grandes cidades nacionais. Tem violência, desemprego, corrupção, segregação social, fila em hospitais, transporte público deficitário. Mas, boa taurina, solucionará os problemas. Enfrentar desafios é o seu desafio desde que nasceu.*

por Dad Squarisi (dadsquarisi.df@dabr.com.br)

Publicidade

# Sindivarejista homenageia os 63 anos de Brasília

Sebastião Abritta  
Presidente do Sindivarejista

O aniversário de Brasília, neste 21 de abril, merece ser reverenciado pelos brasilienses de visão e senso de justiça.

Foi a partir da ação histórica do presidente Juscelino Kubitschek que a capital começou a ser erguida no fim dos anos 50 para ser inaugurada em 1960 no Planalto Central, naquilo que se tornou o berço das altas decisões nacionais.

A materialização do sonho de JK abriu oportunidades para milhares de brasileiros que trocaram os seus estados pela nova capital. A saga de Juscelino mudou os rumos do Brasil. O país passou a ter uma capital muito moderna do ponto de vista arquitetônico e com excelente qualidade de vida. A economia sempre esteve no estágio de crescimento.

### Varejo dinâmico

Hoje, ao completar 63 anos, Brasília reúne cerca de três milhões de habitantes. O comércio — com mais de 30 mil lojas do varejo e 21 shoppings — emprega aproximadamente 120 mil colaboradores e é considerado um dos alicerces da economia.

Fundado em 30 de agosto de 1970, o Sindicato do Comércio Varejista — Sindivarejista — se associa às manifestações pelo aniversário de Brasília. Ao longo de sua história de 53 anos, o Sindivarejista sempre defendeu as reivindicações do comércio e dos lojistas. Por isso, cresce a cada ano o contingente de varejistas filiados ao sindicato. Varejo dinâmico significa economia fortalecida.

Neste dia, é muito importante reconhecer a contribuição dos varejistas e dos associados do Sindivarejista, cuja dedicação e esforço têm sido cruciais para o desenvolvimento socioeconômico da capital.

### A importância dos varejistas

Desde os primeiros anos de Brasília, os varejistas estão presentes em seus comércios e serviços, impulsionando a economia. Eles proporcionam a sustentabilidade e o desenvolvimento da capital federal.

Desde 1970, o Sindivarejista proporciona apoio à economia e ao varejo, fornecendo serviços e benefícios essenciais como suporte jurídico trabalhista e tributário, consultoria, auditoria, gestão de vale-transporte e Balcão de Empregos, por exemplo.

O associativismo tem sido uma ferramenta poderosa para enfrentar adversidades e promover mudanças significativas, evidenciando que a colaboração e a cooperação são essenciais para o sucesso do comércio.

Hoje, reconhecemos e agradecemos aos associados do Sindivarejista por sua contribuição histórica. Eles trabalham para que o legado de JK siga sendo honrado e perpetuado.

As histórias de Brasília e do Sindivarejista (e de seus associados) são marcadas pela superação, dedicação e espírito de equipe, visando alcançar um desenvolvimento sustentável para transformar Brasília em um exemplo para o Brasil.

### Pluralidade de Brasília

A diversidade dos comércios e serviços reflete a riqueza cultural e a pluralidade de Brasília. É inegável que o Sindivarejista tem se mostrado um importante agente de mudanças sociais com ações e campanhas que buscam a melhoria das condições de trabalho e a responsabilidade social das empresas.

Essas iniciativas - ao lado do esforço dos associados - têm gerado impactos positivos na economia. O varejo é a principal porta de entrada para o empreendedorismo, sendo um dos setores que mais gera empregos com carteira assinada no país.

Ao longo de sua existência, Brasília tem enfrentado incontáveis desafios, mas sempre contou com a resiliência e a determinação dos varejistas associados ao Sindivarejista. Eles significam um pilar de sustentação para o desenvolvimento da capital.

### União e cooperação

Neste 21 de abril é importante reconhecer e celebrar a força do associativismo e a importância dos associados do Sindivarejista. A união, a cooperação e o compromisso desses empresários têm sido cruciais para o amadurecimento da capital e a continuidade da obra de JK.

Ele presenciou o início de Brasília — quando quase tudo era poeira — e a história do comércio, cujos varejistas superaram diversas dificuldades para vencer obstáculos.

Eles enfrentaram a falta de infraestrutura básica, longas distâncias entre os canteiros de obra e os pontos comerciais e escassez de recursos. Apesar dos desafios, a partir do fim dos anos 50, esses visionários se mostraram empreendedores, estabelecendo negócios para atender às reais necessidades dos trabalhadores e suas famílias numa época em que Brasília era um sonho que se materializou ao longo dos anos.

### Vila Amaury e Cidade Livre

Entre os marcos históricos do comércio na cidade destaca-se a Vila Amaury, criada no fim dos anos 50 como ponto comercial provisório para os construtores da nova capital. A vila abrigava bares, restaurantes e outros comércios.

Outro exemplo é a Cidade Livre, hoje denominada Núcleo Bandeirante. Ali, havia um centro comercial e de serviços durante os anos de construção da nova capital. Desde antes da inauguração de Brasília, os varejistas têm sido a espinha dorsal da economia.

Com imenso orgulho, celebramos o espírito de superação e empreendedorismo dos primeiros comerciantes e o legado deixado para as gerações futuras. Os comerciantes têm sido incansáveis na busca por melhorias para as condições de trabalho e da qualidade dos serviços prestados à população, contribuindo para a consolidação de uma sociedade mais justa e igualitária.

No aniversário de Brasília, saudamos o imortal JK e todos que contribuíram com o seu suor e a sua inteligência para o desenvolvimento da capital que mudou para melhor a vida de milhares de brasileiros.

Ao longo dos anos, o Paranoá se transformou num refúgio para quem quer contemplar a natureza, se refrescar em dias quentes e ensolarados e se aventurar nos esportes aquáticos

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Professor de canoagem Vagner Luis

Arquivo pessoal



Mergulho no fundo do Lago Paranoá

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Família Lilian Dias, Kleber, Mateus e Wislane

» MARIANA SARAIVA

Brasília dispõe de um dos maiores lagos artificiais do mundo. Foi construído com o objetivo de aumentar a umidade da cidade de clima seco. Serve também de refúgio para se refrescar durante o calor intenso do verão da capital. O lago traz várias possibilidades de diversão, lazer, meditação, esportes e náutica. Além disso, os frequentadores do espaço contemplam uma natureza exuberante, com nascer e pôr do sol alaranjado únicos, usado como cenário para belas fotografias.

De fato, os brasilienses sabem como aproveitar o Lago Paranoá, por lá existe diversas maneiras de se aventurar, com esportes para todos os gostos. Como aquabike, flyboard, windsurf, mergulho, canoa havaiana, remo entre outros. E para os que não curtem as aventuras aquáticas, tem espaço para piqueniques na Orla, na Ermida Dom Bosco, no Deck Sul e Norte, no Pontão do Lago Su. Lugares ideais para curtir ao lado da família e de pessoas especiais.

Tem aqueles que praticam canoagem antes mesmo do raiar do sol e de iniciarem suas rotinas de trabalho. Vagner Maciel é instrutor de canoa havaiana há cinco anos, e todos os dias entra cedo nas águas do lago com os alunos da modalidade. “O lago é minha vida, às 6h eu já estou dando a minha primeira aula e desfrutando do nascer do sol. Praticamente todos os dias entro em contato com as águas do Paranoá.” Ainda segundo ele, no período da seca, chega a receber cerca de 70 alunos no período da manhã.

Há quem busque além da beleza na superfície e se aventure pelas profundezas e pelos encantos do fundo do Paranoá. Marcos Aruso é proprietário da Eco Divers, uma escola de mergulho que está há 15 anos na capital. O mergulhador se caracteriza como fã número 1 do Lago Paranoá. “Eu moro e trabalho em frente ao lago, tenho uma conexão afetiva, ver toda a vida que tem lá em baixo é um presente.” Todos nós, brasilienses, precisamos dele, seja pela umidificação do clima ou pela diversão. O instrutor também contou ao **Correio** que, durante um mergulho rotineiro, se deparou com restos de estruturas

# As turmas da Orla do Lago

## Você sabia?

É difícil visitar o lago e não questionar a respeito do surgimento de toda sua imensidão de água. Em pensar que há 63 anos ele não compunha a região do Planalto Central. Mas, se encaixou de forma tão natural, que não há como imaginar Brasília sem o Lago Paranoá. A construção iniciou-se em 1957 pela empresa americana Raymond Concrete Pile of the Americas. Mas o constante atraso nas obras impedia que o lago fosse entregue a tempo da inauguração de Brasília, em abril de 1960, promessa de campanha feita em 1955, por Juscelino Kubitschek.

JK então desfez o contrato e transferiu o comando da construção para a Novacap, que dividiu o trabalho com as construtoras Camargo Corrêa, Rabello e Engenharia Civil e Portuária. E foi assim, que entre vegetações tortas, se formou um imenso canteiro de obras, que hoje, se tornou a moldura de água da capital do país.



Arquivo Público do DF

de casas da antiga Vila Amaury, que, antes da abertura das comportas para encher o lago, foi morada de vários trabalhadores que vieram de várias regiões para erguer a capital do país.

A produtora Carol Rabelo, 40, sempre pratica kitesurfe e canoagem, entre outras atividades sobre as águas do mar do cerrado. “O lago é uma das melhores terapias de Brasília”, se emociona. Ainda segundo ela, nunca se sabe o que vai encontrar quando se vai às margens do Lago Paranoá. “Acaba sendo um ponto de encontro, de repente chega alguém dando uma aula de ioga ou funcional e você acaba participando”, disse a produtora. O advogado Diego bacelar, 40, costuma praticar os esportes aquáticos na região, mas, ele também usa o espaço para passear com os cachorros e levar as filhas para brincar ao pôr do sol. “Eu acho importante criar essa memória afetiva nas crianças, conectar elas com a cidade natal”, destaca Diego.

Mas existem realidades opostas, o lago não é de fácil acesso para todos, muitos brasilienses moram longe, e por conta disso acabam deixando de aproveitar o espaço. Esse é o caso de Lilian Dias, 44, a moça está a 25 anos na capital, moradora do Riacho Fundo, ela nunca havia visitado o Lago Paranoá. Sentada na orla da Ponte JK ela observava os dois filhos e o sobrinho andando de pedalinho. “Eu gostei bastante e quero vir mais vezes com a família”, ressalta.

A amante de stand up paddle e remo Carolina de Menezes, 22, costuma frequentar o Lago como forma de relaxar e fugir do estresse diário. “Como Brasília tem não praia, essa é nossa opção de estar perto da natureza e da água, principalmente nos dias ensolarados”. Úrsula Barbosa, 26, sempre vai ao lago para se banhar. “Morei um tempo no Jardim Botânico e costumava ir toda semana à Ermida Dom Bosco nadar. Agora morando em Ceilândia, vou menos. Mas sempre que é um dia muito seco e de muito calor, durante os fins de semana e feriados, eu chamo meus amigos e vamos” conta. Úrsula também gosta de tomar sol na orla e observar a vida das capivaras. “Durante o período de estiagem das chuvas, acho que esse lago salva literalmente vidas”, ressalta Úrsula.



**BRASÍLIA**  
63 anos

Desde os monumentos às belezas naturais, a capital do país e seus pontos turísticos encantam os olhos do moradores e dos visitantes. "Parece que estou dentro da caixa da televisão", admira-se a paulista Bruna Rafa

» CRISTINA ÁVILA  
Especial para o **Correio**

O turismo em Brasília tem roteiros que se repetem há décadas. Mas o olhar de cada turista é único e se renova a cada dia. Sempre uma admiração diferente pela arquitetura modernista conhecida em todo o mundo, pela natureza, pela grandiosidade dos espaços urbanos, pelo céu imenso e encantador. E em tempos de economias criativas e desenvolvimento sustentável, se ampliam as possibilidades de passear em lugares que começam a ser explorados, pelos próprios moradores de Brasília e por pessoas que visitam a capital federal.

Um dos roteiros que foge ao tradicional é a área rural de Sobradinho, o Lago Oeste. É um espetáculo a cerca de 15km da Asa Norte, que margeia o Parque Nacional de Brasília em toda a sua extensão do limite norte, na DF-001, partindo da região do Grande Colorado em direção a Brazlândia. Ali, uma das surpresas marcantes é o Balancêu, um balanço como os de criança, mas reforçado com cabos de aço e cinto de segurança. Simplesmente uma viagem fantástica ao espaço, um voo pela Chapada da Contagem, na Área de Proteção Ambiental (APA) da Cafuringa.

O Lago Oeste esconde belezas do cerrado impossíveis de se descobrir sem um olhar atento por suas 23 ruas. Cânions e vales, além de produtos orgânicos, restaurantes, hospedagem e cachoeiras, que começam a despontar como turismo rural. "As redes sociais e o airbnb nos deram enorme impulso", conta o empresário Marcos Vinícius Heusi que tem uma pousada à beira do despenhadeiro, com trilhas no bioma.

Ele faz parte da Associação Viva Lago Oeste (@vivalagoeste), integrada por outras 19 empresas que em maio promovem o Festival de Jazz, que terá praça de alimentação com produtos locais, no galpão da Asproeste (associação de produtores),

# Cidade instagramável

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



No Lago Oeste, o Balancêu é uma das atrações da região

Alunos do CEF 5 do Guará visitam a Catedral



na Rua 8, onde mantém como vitrine uma banca na feira local todas as manhãs de sábado.

A capital federal faz bater forte os corações. Não faltam evidências. Uma delas é a estudante do 2º ano do ensino médio Pétila Ramos, moradora da Asa Norte. Com uma câmera na mão, a menina de 16 anos, convidou a mãe, Rosa, para fotografar pontos turísticos da cidade. "É uma homenagem a Brasília, que quero colocar no meu Instagram", relata.

## "Diferente de tudo"

Os cenários urbanos mesmo tão vistos no noticiário nacional impressionam. "Parece que estou dentro da caixa da televisão. Mesmo assim é muito diferente do que eu imaginava", admira-se Bruna Rafa, paulista de Valinhos, que veio com o irmão Mateus, de carro por mil quilômetros para fazer entrega de encomendas. Os dois são do setor de transportes. Ele esteve três vezes em Brasília, mas ela veio pela primeira vez.

Aproveitaram as folgas nos dois únicos dias de viagem para uma volta pelos monumentos. "É totalmente diferente de todos os 18 estados em que já estive. Aqui tudo é muito grande e a cidade muito organizada. Uma sensação, uma energia. Emocionante", ressalta Bruna.

Na Catedral uma turminha também está de olhos arregalados. A semana de aniversário de Brasília fez os professores do Centro de Ensino Fundamental nº 5 do Guará se movimentarem para levar as crianças a fazer turismo em Brasília. "Eles estão vendo no concreto o que viram nos livros e quando voltam, as aulas ficam muito mais divertidas. Levam lembranças que são muito importantes para o aprendizado", explica a professora Dayane Feitosa. Ela reúne os alunos e pergunta o que gostaram de ver. "A amostra da cruz da primeira missa rezada em Brasília", diz rapidamente Vinícius Guimarães, de dez anos. "Acho legal que as pessoas ainda possam ver coisas do passado", comenta o menino.

Usina Hidrelétrica do Paranoá

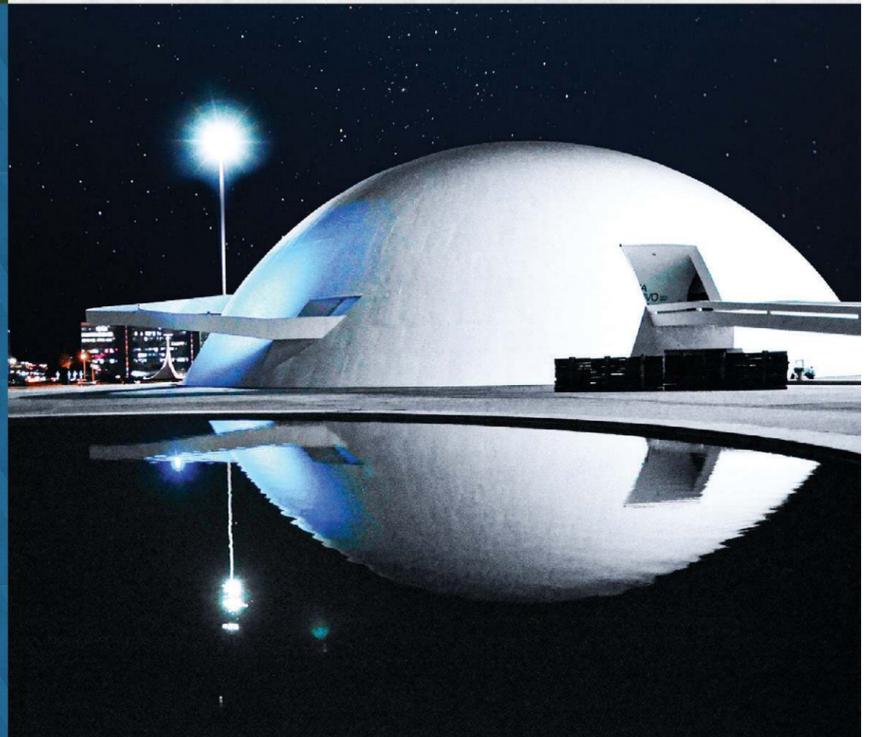


# Brasília, parabéns pelos 63 anos

Você sabia que nesses 63 anos de Brasília, a CEB, além de cuidar da iluminação pública, também participa das Usinas Hidrelétricas do Paranoá, Lajeado, Corumbá III, Corumbá IV e Queimados? E boa parte da energia gerada nessas usinas é consumida pelo Distrito Federal.

**CEB, iluminando os caminhos de Brasília e gerando energia para a nossa capital crescer.**

**CEB**  
COMPANHIA ENERGÉTICA DE BRASÍLIA



# BRASÍLIA

63 anos

Curtir um fim de tarde com amigos em locais como a Praça do Cruzeiro ou na Esplanada dos Ministérios é um dos programas favoritos de quem vive em Brasília. É um momento mágico, que vale um clique

Minervino Júnior/CB/D.A Press



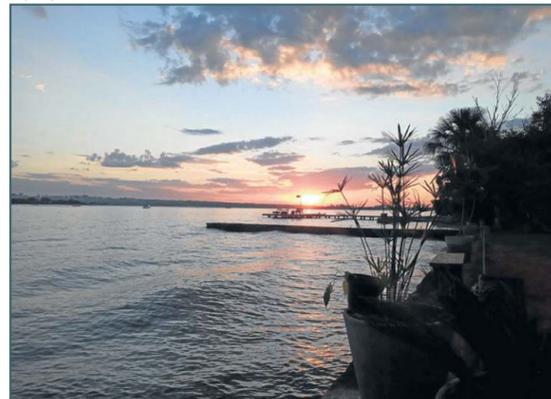
Toni Gigliotti: "Quando quero espairecer, frequento praças públicas"

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Carolina Neves e Luiza Pinheiro: uma amizade repleta de pôr do sol

Arquivo pessoal



Contemplação do Lago Paranoá: cartão-postal da cidade

# O pôr do sol é nosso patrimônio

» CRISTINA ÁVILA  
Especial para o **Correio**

Brasília tem diversos pontos de encontro para se apreciar o pôr do sol. Antes de chegar ao ponto em que se torna avermelhado e vai descer rapidamente no horizonte, as pessoas começam a se reunir no local preferido. De carro, de bicicleta ou a pé. E se acomodam para assistir ao espetáculo na natureza, conversando com amigos, cuidando de um bebê, que começa a dar os primeiros passos, namorando, alongando pernas e braços. Gente de todas as idades.

"O pôr do sol de Brasília é o mais bonito do mundo. Porque somente aqui posso ver o céu em 360 graus completos no centro da cidade", ressalta Maria Célia Padilha, 78 anos, aposentada do Ministério da Saúde.

Baiana, ela vem do mar, mas se satisfaz todos os dias no encontro marcado na Praça do Cruzeiro, no Eixo Monumental. São poucos minutos do apartamento no Sudoeste. Ela convida a filha Mariana, arquiteta, pega o neto Samuel de 1 ano meio e corre pra rua. "Tem dias que vêm trailers de pão de queijo, de hambúrguer, até de pula-pula para cá", destaca. "Mas tem que vir cedo, senão não acha lugar. É uma festa!", exclama.

A socióloga mineira Luiza Pinheiro também é adepta da contemplação dos finais de tarde. Costuma circular por vários pontos de encontro no entardecer. Tem 32 anos, morou em Brasília ainda criança, foi embora e voltou adolescente. Quase todos os finais de semana, ia com a turma ao Parque da Cidade curtir o pôr do sol. Apaixonou-se por esses momentos e passou a levar uma câmera fotográfica para captar as belezas que se sucediam.

Luiza faz isso até hoje. Atualmente, em alguns dias, prefere usar o celular, mas está sempre de olho nas possibilidades do céu. "Sou fotógrafa amadora", diz, mesmo depois de tantos cliques ao longo dos anos. E realmente consegue imagens lindas. Fotografou, inclusive, na pandemia. A generosa natureza proporcionou à sua janela uma coleção de tons, cores e interessantes contornos em composição com os prédios já à sombra na Asa Norte. "Foi o meio de conviver com o confinamento", lembra.

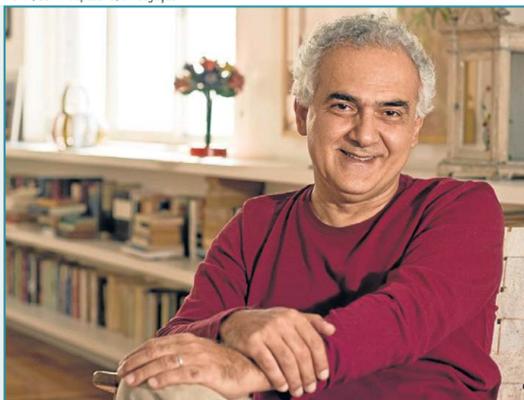
"Agora, sempre tem chovido no final de tarde. Mas fico atenta. O entardecer não é somente o espetáculo do pôr do sol. É uma pausa para o pensamento, para as emoções estarem em ordem. Para ver aquele espetáculo, tem que combinar com São Pedro, mas me preparo. Se vou à casa de um amigo, que sei ter uma bela vista,

Minervino Júnior/CB/D.A Press



O Eixo Monumental é um dos pontos favoritos dos brasilienses

ABRA/SSA AdaptaLAB/Divulgação



**"Como eu estudava no CIEM (Centro Integrado de Ensino Médio) e morava na Asa Norte, gostava de caminhar até a beira do Paranoá, que é o mar interior de Brasília. Ia também ao Poço Azul e às cachoeiras, que eram verdadeiros oásis ou pontos de fuga no ambiente repressivo e sufocante da ditadura. No plano piloto, gostava de frequentar o cineclub e o Cine**

**Brasília, e admirava muito a Igrejinha e o Brasília Palace Hotel. Quando vou a Brasília, são dois lugares que revisito, e sempre me emociono diante deles. São os mesmos lugares frequentados por Martim, a personagem do romance *A noite da espera*. Pelo menos nisso coincidimos. O resto — ou seja, quase tudo — é ficção"**

**Milton Hatoum**, escritor

carrego a câmera", acrescenta. Ela conta que, em casa, tem também opção de janela para acompanhar o alvorecer. Escolhe uma ou outra, a depender do horário.

Luiza tem ao lado sempre a companhia de Carolina Neves, 33, brasiliense, que a acompanha nos passeios desde o ensino médio. "Na pandemia, a gente se ligava por meio de vídeo. Uma dizia: 'Olha lá, vai para a janela. O céu está lindo!'", relata a amiga, que mora na Octogonal e também tem boa visão do horizonte. "Mesmo sem poder estar com as pessoas no mesmo espaço físico, essa foi uma forma de estar junto".

Nesta época de fins de chuvas, o poente não é tão vibrante como nas temporadas secas, que favorecem raios solares de vermelho intenso. Mesmo assim, quem adora o pôr do sol espera aquela surpresa que muitas vezes acontece, um raio inesperado rompendo nuvens e desenhando o céu, um arco-íris que surge ou a luz dourada que se projeta sobre a Terra, acalmando o dia.

## Estudos

O sol tímido neste mês de abril, escondido atrás das nuvens enegrecidas da chuva, que acabou caindo fina ao fim da tarde, afugentou o paulista Toni Gigliotti do banco de cimento na Praça dos Três Poderes, onde se distraía lendo um livro. Ele mora há 17 anos em Brasília e gosta de momentos em que foge um pouco dos estudos de doutorado na Universidade de Brasília (UnB).

"Este é um lugar de que gosto muito, mas meu lugar preferido é a Praça dos Cristais", diz, lamentando o tempo em que não pôde visitá-la, ocupada por manifestantes políticos. Assim conhecida, na realidade, chama-se Praça Cívica e é uma obra paisagística do artista plástico Roberto Burle Marx, localizada no Setor Militar Urbano, em frente ao Quartel General do Exército.

Toni Gigliotti diz que curte a Praça dos Três Poderes à noite. "Quando tenho tempo de espairecer, frequento as praças públicas para descansar, ler um livro. Brasília tem muitas praças e parques, oferece muitos espaços. E, comparando com outras cidades do país, o Plano Piloto não é violento. Mas prefiro as fases de lua cheia".

Nesta semana, Toni foi atrás de um pôr do sol e, apesar da garoa, não se decepcionou. Foi rápida. E deixou o céu encerrar o dia com uma luz que se derramou bem definida na cúpula da Câmara dos Deputados, como se a enchesse com os raios iluminados. O sol também apareceu por alguns minutos. Espiou a praça entre as duas torres do Congresso e correu para o horizonte.

**BRASÍLIA**  
63 anos

Local que está na memória afetiva do brasiliense e ainda recebe novas gerações, o Parque Nacional de Brasília é um patrimônio candango. Acessível, reúne preservação da natureza e lazer

» CRISTINA ÁVILA  
Especial para o **Correio**

Um menino curioso caminha na água procurando um tubarão na piscina de fontes naturais do cerrado, enquanto um grupo de mulheres enche e esvazia agbês, cabaças envoltas de contas coloridas, numa dança de busca aos orixás das águas, ali, bem próximo, um homem nada todos os dias. Na floresta às margens, bandos de macaquinhos espreitam sorrateiros a distração dos humanos para bisbilhotar pertences e, por vezes, os afanam fugindo rápidos para a mata.

São misteriosas realidades que se repetem no cotidiano dos visitantes que frequentam a Água Mineral, principal ponto de atração do Parque Nacional de Brasília, que se localiza quase colado à Asa Norte, ao noroeste do Distrito Federal, em uma área estratégica na região do divisor de três bacias hidrográficas: Amazônica, do Prata e do São Francisco.

“Mamãe, onde está o tubarão?”, pergunta agitado o menino João Pedro, de 2 anos, filho da arquiteta Thais Brotas. “Ele está se sentindo um peixinho, livre, adorando!”, exclama. Eles moram no Guarã e visitam a Água Mineral pela primeira vez. Uma surpresa para os dois, mesmo para o pequeno, que se alegrou assim que viu a piscina ao final da alameda de árvores da entrada. Todas as magias são possíveis, inclusive avistar a grande e impressionante borboleta azul que passeia por lá. Segundo o artista plástico radicado em Brasília Gilberto Mello, quando se cruza por uma é sinal que alguma coisa boa vai acontecer.

Pela proximidade com o Plano Piloto, o parque é uma ótima opção de lazer urbano. A unidade de conservação federal tem duas piscinas rústicas, uma com 2.700m<sup>2</sup>, com locais rasos onde, por exemplo, o pequeno João Pedro pode caminhar com o corpo todo a mostra e até 1,5m de profundidade; a outra tem 4.400m<sup>2</sup> e 1,6m de profundidade.

Ambas abastecidas por águas correntes canalizadas e fundo de pedra. Uma delas forma uma pequena cachoeira artificial antes da água seguir por um córrego mata adentro. A queda d'água também é apreciada pelos banhistas. O Parque Nacional de Brasília preserva as nascentes dos principais rios regionais, nas bacias do Torto e Bananal, que contribuem com a formação da Barragem Santa Maria, de 825 hectares, responsável pelo abastecimento de água potável do Plano Piloto.

# Banho de energia na Água Mineral

Fotos: Vitor Gripp/Esp. CB/D.A Press



**Grupo Cia. das Águas em encontro na piscina cristalina do Parque Nacional de Brasília**

**Thais Brotas com o filho João Pedro na piscina**

O uso da área pública varia. As moças com os agbês fazem uma oficina do Clã das Águas, em uma das saídas mensais do curso que acontece com visitas a lugares “onde as águas se manifestam em Brasília”, como a beira do Lago Paranoá, conta a professora Natalia Sol. “Dançamos os movimentos das águas, das nossas emoções e arquétipos dos orixás, como Oxum (divindade das águas doces). O que fazemos não é ritual, mas abre espaço para nossas essências, as emoções se mostram. Trabalhamos as individualidades para compor um coletivo forte”. Ela considera Brasília “muito rica em espaços acolhedores”.

Nas florestas, às margens das piscinas, os animais que espreitam as pessoas são os macacos-prego, que estão ali atraídos por comida. Essa interação entre a vida selvagem e humanos não é salutar, se não for mantida a distância e obedecidas as regras. Uma das mais importantes é não oferecer alimentos. Por causa do agravamento de acidentes com pessoas agredidas pelos bichinhos, ainda em 2006 pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) fizeram um estudo e demonstraram que os prejuízos são mútuos.

Os alimentos com alto nível calórico provocam aumento dos níveis de glicose e colesterol fazendo os macacos-prego sofrerem de obesidade e riscos de problemas cardíacos e diabetes, além do aparecimento de cáries. “É comum essa aproximação dos bichos com os humanos. Certa vez, um macaco roubou parte do lanche de uma pessoa e foi pro alto de uma árvore. Só se ouviu os gritos depois. Tinha levado pimenta”, conta Edson Giovanni Gori, morador do vizinho Noroeste.

Analista de tecnologia da informação no Banco do Brasil, ele visita a Água Mineral diariamente, antes de ir pro trabalho. Geralmente nada também aos sábados ou domingos. É mensalista do parque, paga R\$ 160 para ter entrada livre nas áreas de visitação pública. O ingresso diário é R\$ 16, com isenção para mais de 60 anos e crianças até 12. O local abre para os nadadores às 6h todos os dias.

“Vim morar no Noroeste por causa deste lugar. Meu dia só começa aqui. Preciso. Para meu dia ser legal e a noite também. É um privilégio, meu quintal. Comecei a frequentar o parque há sete anos, com 50 anos. Hoje tenho 45”, brinca ele. “Nado até mesmo nos meses de frio, a água fica até mais quente. Mas, o prazer é a recompensa depois. A qualidade de vida é excepcional. Meus exames (clínicos) estão em ordem”, relata Edson.

Parabéns,  
*Brasília*

pelos seus 63 anos!

**Brasal e Brasília** celebrando juntas,  
mais de seis décadas **em evolução.**



LEIA O QR CODE

**Brasal**

**60**  
ANOS  
EM EVOLUÇÃO

**BRASÍLIA**  
63 anos

Só no ano passado, essa área de 5 mil hectares recebeu 15,7 mil visitantes, que foram em busca de qualidade de vida bem perto da natureza. A infraestrutura do local também oferece espaços de gastronomia e para pesquisas

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Karine Antonini (camisa preta) com o filho Enrico e Luiz Gustavo Medeiros com a irmã Raquel Cavalcante (camisa rosa)

# A gente se encontra no Jardim Botânico

» CRISTINA ÁVILA  
Especial para o **Correio**

Um dos lugares mais bonitos do Distrito Federal para brincar, correr e, com sorte ver animais silvestres soltos na natureza é o Jardim Botânico de Brasília (JBB). Além disso, é possível conhecer melhor a flora e apreciar obras de arte ao ar livre, tomando um sabroso café embaixo das árvores. A unidade de conservação tem 5 mil hectares com belos recantos arquitetônicos em meio ao bioma cerrado. No ano passado recebeu 15.723 visitantes, com expectativa de chegar ao final de 2023 com 11% a mais, especialmente por causa de novos e antigos atrativos, como a tradicional exposição de orquídeas.

Os caminhos do JBB se revelam neste mês abastecidos pelas chuvas do verão, e começam a entrar em novo ciclo de estiagem, que deverá durar até agosto, quando mostrarão flores nativas deslumbrantes nascidas de um solo no auge da aridez. Uma coisa é certa: em qualquer estação o Jardim Botânico estará lindo e receptivo, propício a passeios fotográficos onde se experimenta sensações de liberdade e segurança.

Ao lado do Centro de Visitantes, em uma das áreas de café e restaurantes, há um espaço para um piquenique perfeito. Com toalha xadrez na mesa comprida a poucos centímetros do chão, a família brinca com Enrico, de 1 ano. Às vésperas do aniversário de Brasília, o menininho já estava apropriadamente vestido para a data festiva, com uma camiseta verde com a sigla da cidade e o simbólico ipê-amarelo estampado.

“Trouxe Enrico pra passear”, conta o pai, Luiz Gustavo Medeiros. Engenheiro nascido na capital federal e morador de Macaé (RJ), todos os anos busca atrações na terra natal. A mulher, a psicóloga mineira Karine Antonini, adora. “Brasília tem muita coisa para fazer. A gente sempre vai também ao Parque da Cidade”, diz. A irmã de Gustavo, a artista plástica Raquel Cavalcanti, é frequentadora assídua do JBB. “É lindo e muito bem cuidado”, contempla ela.

Karine destaca que “o Jardim Botânico de Brasília tem espaço para todas as idades”. São parques, oficinas de educação ambiental para alunos de escolas públicas, espaços de belezas exóticas, como o Jardim Japonês e com temáticas como o Jardim de Cheiro, em que as crianças experimentam os cinco sentidos humanos, ou o Jardim Evolutivo, em que o paisagismo obedece a localização das plantas de acordo com o seu processo de reprodução ao longo de milhões de anos na Terra. Uma boa ideia é ver ao vivo esse tema do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A comunidade tem outros meios de aproveitar os espaços do Jardim Botânico. Como a exposição de bordados de 15 mulheres que estará no Centro de Visitantes até domingo. Todos os quadros têm referências à arquitetura brasiliense. No



Lucivane Nishimura, Celia Machado, Rachel Osório e Elaine Freitas: exposição de bordados



Jardim Botânico de Brasília: um local de contemplação e reconexão com a natureza

JBB, 500 hectares são abertos livremente à visitação, inclusive uma trilha ecológica de 4,5km. Outros 4.500 hectares, constituem a Estação Ecológica Jardim Botânico de Brasília (EEJBB), resguardados para desenvolvimento de atividades científicas. O local tem uma estação de tratamento de água que abastece 25% do Lago Sul.

## Crítérios

“O Jardim Botânico de Brasília é um dos três únicos no país que tem classificação A”, o que significa a máxima excelência, relata a superintendente técnico-científica do JBB, Lilian Breda. Segundo ela, os outros dois são do Rio de Janeiro e São Paulo. Ela explica que contempla critérios como ter coleções de plantas, o laboratório de reprodução in vitro de orquídeas ameaçadas de extinção, revista científica própria e o Herbário Ezechias Paulo Heringer.

Gerente do herbário e engenheira florestal, Daniela Ramalho enfatiza que estão ali guardadas “coleções dos anos 1960 de Ezechias Paulo Heringer”. O primeiro editorial do periódico científico do JBB, “Heringeriana” (2007), traça um perfil do engenheiro agrônomo, com “sua prensa, podão, olhos e mãos de desbravador”, vindo “para Brasília em 1960 a convite do presidente Juscelino Kubitschek, pioneiro no estudo do cerrado e suas orquídeas”.

Daniela Ramalho conta que o herbário tem cerca de 38 mil exsiccatas, que são amostras da flora fixadas em papel vegetal com linha de algodão e agulha, com informações trazidas por pesquisadores que saem cerrado adentro, buscando galhos, folhas, sementes, enchendo os bolsos e mochilas.

## Cientistas

A gerente relata que “o espaço reúne 45% de todas as espécies do DF, com 1.877 espécies vegetais e mais de 500 animais vertebrados, além de centenas de invertebrados, como insetos e aracnídeos”. A diretora executiva do Jardim Botânico, Aline De Pieri, anuncia para maio a inauguração de um novo herbário, com 393m<sup>2</sup>, praticamente quatro vezes maior que as instalações atuais. A área do acervo terá 100m<sup>2</sup>. “Um espaço aberto à comunidade científica que representará nossa missão para continuar classe A”, ressalta. Haverá ainda um recanto especial para obras raras. Daniela Ramalho mostrou à reportagem do **Correio** um dos 15 volumes da raríssima *Flora Brasiliensis*, com total de 10.367 páginas com tratamentos taxonômicos de 22.767 espécies e 3.811 litografias ricas em detalhes que são de grande auxílio para identificações de espécies.

A coleção foi produzida entre 1840 e 1906 pelos editores Carl Friedrich Philipp von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, com participação de 65 especialistas de vários países. É praticamente intocada, mas pode ser visitada on-line (<http://rabrasiliensis.cria.org.br>).

BRASÍLIA  
63 anos

Do tradicional Beirute aos espaços descolados do Conic, a capital do país oferece uma diversidade de espaços destinados à diversão e ao entretenimento, que vêm se tornando uma vocação econômica da cidade

Arquivo pessoal



Débora Donida e Rômulo Luiz no bar Recanto Favorito, na 410 Norte

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A Biroasca no Conic atrai um público diverso

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Igor Albuquerque: um espaço de alegria e de festa

# Os points onde as várias tribos se encontram

» ISABELA BERROGAIN

Quando se pensa na história do comércio gastronômico e social de Brasília, é quase inevitável se lembrar do Beirute. Sob o lema de ser “o bar mais tradicional da cidade”, a casa foi inaugurada apenas alguns anos após a própria capital, em 1966. Rapidamente, o Beira, como é carinhosamente apelidado, se tornou tradição em Brasília, recebendo desde candangos até personalidades conhecidas que vinham visitar a cidade.

Por isso, não é incomum encontrar famílias que contam histórias marcadas pelo bar. A escritora e economista Eloá França, 63 anos, vive uma história íntima com o local desde os anos 1980. A mineira, moradora de Brasília desde os 11 anos, começou a frequentar o Beirute ainda nos tempos de Universidade de Brasília (UnB). “O Beirute era um bar onde frequentavam universitários, intelectuais e artistas. Um lugar de pessoas informais, despojadas, autênticas, diferente dos outros lugares de Brasília da época”, relembra a escritora. “Lá, não tinha música ao vivo, mas era ocupado pelo barulho de vozes. As mesas do Beirute eram lugar de muitas conversas profundas, intelectuais e políticas, de todas as áreas”, descreve.

Após o fim da graduação, as idas de Eloá ao Beirute continuaram, mas tomaram uma nova forma. No lugar das noites passadas no bar com os colegas universitários, a economista passou a frequentar o local durante os almoços de fim de semana com uma nova companhia — a filha Natália Magalhães. “Desde que eu me lembro, o Beirute sempre foi algo que fez muito parte da minha identidade. Para mim, o lazer do fim de semana girava em torno dos almoços em família lá, confraternizar de alguma forma, gerar novas amizades. Era muito importante para mim, como filha única à época, esse ambiente de socialização, de interação com outras crianças que também estavam lá com os pais”, avalia Natália, hoje com 24 anos e formada em psicologia.

Após desenvolver uma relação própria com o Beirute, Natália passou por vivências similares às da mãe. No Beira da Asa Norte (107 Norte), onde as duas moram atualmente, ela se reuniu com os colegas de universidade — a mesma em que Eloá estudou há 40 anos —, e, hoje, leva os irmãos pequenos, por parte de pai, nos almoços de domingo. “É um lugar que representa não só a minha vivência em Brasília, como a dos meus pais. Eu sinto que, emocionalmente e afetivamente, estou dando continuidade a uma tradição familiar”, pontua.

## Afeto

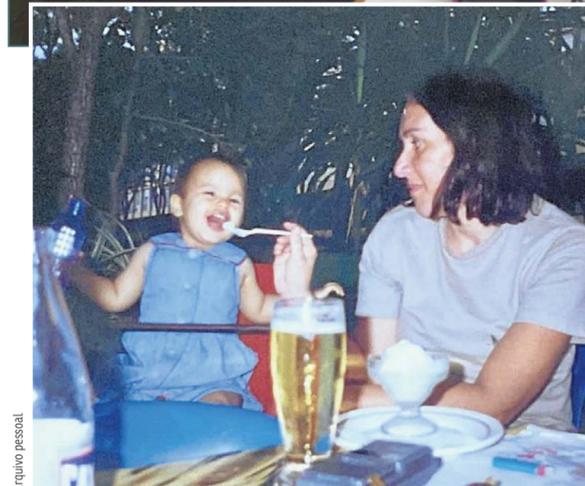
Se, nos anos 1980, os universitários da cidade tinham como ponto de encontro o Beirute, atualmente eles marcam presença nos bares vizinhos da UnB. Concentrados na 410 Norte, os bares como Recanto Favorito, Bar do Mendes, Bar dos Amigos Raip, Moe's e Faculdade da Cerveja são tomados, diariamente, pelos estudantes da universidade pública. Para o potiguar Rômulo Luiz, morador de Brasília desde 2019, o conjunto de bares da Asa Norte foi essencial para uma construção de afeto pela cidade. “Minha primeira memória na 410 foi o dia da recepção de calouros que meus veteranos da faculdade organizaram. Nesse dia, conheci praticamente todo mundo do curso e fiz ótimas amizades. Foi simbólico, porque foi ali que eu tive o primeiro contato com algum lugar de Brasília. Até então, eu não conhecia ninguém nem nada da cidade”, conta o estudante de engenharia ambiental.

Desde então, os bares adjacentes se tornaram um point para Rômulo. “Acabou se tornando algo rotineiro para mim, por ser um lugar perto, barato, no clima que a gente gosta e onde a gente pode fugir da realidade, conversar, falar da vida e beber um pouco”, define. “Desde o início, me senti acolhido, por ser ocupado por pessoas da mesma faixa etária que eu e que vivem coisas muito parecidas com as minhas, é uma questão de se identificar como tribo. Eu considero lá um lugar de conforto e refúgio. Lá,

Mariana Lins/CB/D.A.Press



Eloá França e a filha Natália Magalhães no Beirute Sul, no fim dos anos 1990, e hoje (na foto acima): belas lembranças



Arquivo pessoal

é a primeira coisa que me vem à cabeça quando eu penso em encontrar meus amigos e beber uma cerveja”, complementa.

Na visão de Rômulo, a existência de locais voltados para esse público é essencial para gerar identificação entre as pessoas e para a expansão do ambiente universitário. “É claro que a universidade é um espaço acadêmico, mas eu acredito que momentos de descontração e integração entre os estudantes também acabam sendo um grande motivador de permanência das pessoas. Você acaba interagindo tanto com pessoas que vão atuar no mercado de trabalho com você, como com pessoas que estarão ao seu lado durante uma grande jornada, que é a graduação”, opina.

## Ocupando a cidade

É normal que turistas que vêm a Brasília brilhem os olhos ao saber da existência de um Setor de Diversões na capital, no entanto, os moradores da cidade sabem que foi só recentemente que o espaço passou a ser visto, de fato, como um local divertido. O Conic, como é popularmente conhecido, foi idealizado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer para ser o centro cultural e de entretenimento de Brasília, projetado para receber cinemas, teatros, bares e restaurantes. No entanto, o projeto acabou não dando certo, resultando em uma marginalização do espaço, que, por muito tempo, foi mal visto pelos brasilienses.

Foi só em 2016, com a chegada dos bares Sub Dulcina, Biroasca e Chicão, que a história do Conic começou a mudar. “Se o Conic, no passado recente, foi sinônimo de local perigoso e marginalizado, hoje ele é sinônimo de vida noturna e festas. É uma casa para os amantes de pop, funk, música eletrônica, música brasileira e samba”, assegura Igor Albuquerque, responsável pelos três estabelecimentos. “Costumamos dizer que lá é o lugar ideal para que qualquer pessoa do Distrito Federal possa se encontrar por afinidade cultural, afinal, com apenas um ônibus, você chega lá de qualquer região administrativa. É, sem dúvidas, o local de Brasília mais democrático para se divertir”, afirma.

Apesar de abraçar todos os públicos da cidade, a Biroasca procura ser um espaço de acolhimento da comunidade LGBTQIA+, desde os clientes até os próprios funcionários — mais de 50% das pessoas que trabalham na casa são gays, lésbicas e pessoas trans. “A Biroasca foi um dos primeiros locais da cidade a criar a Lista T, que possibilita acesso gratuito a pessoas trans, travestis e não-binárias. Há festas em que mais de 100 pessoas trans entram de graça. Além de acolhedora ao público, a casa tem como princípio criar palco para diversos artistas LGBT, que, na maioria das vezes, não conseguem se apresentar em casas voltadas unicamente ao público heterossexual”, compartilha Igor, que também é produtor da Parada do Orgulho de Brasília.

Para o médico Artur Burle, frequentador do local desde a inauguração, o holofote dado aos artistas LGBT também é um dos principais diferenciais da casa. “A Biroasca é uma das poucas opções para público e artistas LGBTQIA+. Vejo que a casa dá muito espaço para artistas drags, trans e não binárias se apresentarem, o que considero uma iniciativa excelente. Para mim, a casa representa uma proposta de democratização do acesso à cultura no DF. A cena cultural de Brasília é muitas vezes excludente e elitizada, e rolês como a Biroasca acabam sendo um foco de resistência e luta por uma vida cultural mais plural dentro da capital”, pondera.

“Como homem, gay, cis, sempre fui muito bem acolhido na casa, por todas as equipes que ali trabalham, segurança, limpeza, bar. Apesar disso, entendo minha posição privilegiada dentro do movimento e sei que situações de preconceito podem sempre acontecer em qualquer ambiente que seja. Mas observo que a casa responde rápido a essas situações e está sempre aberta a escutar críticas e alinhar fluxos para tornar o ambiente ainda mais inclusivo e seguro para a população LGBTQIA+”, finaliza.



Confira Podcast do Correio com Renato Matos e Nicolas Behr

**BRASÍLIA**  
63 anos

Brasília é conhecida por acolher diversas culturas, sejam de outros países ou dos estados brasileiros. E uma das formas de se aprofundar nessas tradições é a gastronomia. A diversidade é uma das qualidades da capital

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Eu encontrei a culinária por meio do meu pai e minha tia, comecei a cozinhar desde pequeno, aos 9 anos de idade"

Chidera Ifeanyi, chef do Simbaz

» ALINE GOUVEIA  
» MARIA EDUARDA MAIA\*  
» ANDRÉ VINÍCIUS PEREIRA\*

# Volta ao mundo pelos paladares da capital

Brasília é uma cidade cosmopolita. Além de abrigar mais de 130 embaixadas, a capital do país se destaca como um dos destinos mais procurados por estrangeiros no período de férias. Seja para conhecer ou para se reconectar, a gastronomia é uma ponte dos brasilienses com outras culturas. É possível dar uma volta ao mundo pelo paladar nos restaurantes da capital. A W3 Norte, a 402 Sul e o Pontão do Lago Sul abrigam a mistura de sabores e texturas da culinária da Tailândia, Vietnã e da Coreia do Sul. A ideia de trazer a comida do Sudeste Asiático à capital partiu de Raquel Siqueira, após viajar para a Tailândia. "Brasília foi um porto seguro para nós, chegamos timidamente na Asa Norte, em um antigo setor de oficinas, quem descobriu a gente foram os brasilienses, isso mostra que eles estão prontos para abraçar essas diferenças", diz Raquel Siqueira, sócia-proprietária do restaurante Same Same, but different.

Os ingredientes da culinária do Sudeste Asiático são conhecidos dos brasilienses, pois o clima de países como Tailândia e Vietnã é tropical. O diferencial, no entanto, são as combinações dos elementos gastronômicos. Mamão e amendoim na salada ou arroz-doce com manga são algumas das iguarias. Outra marca registrada dos pratos típicos é a harmonização do agridoce com um toque de picância. Segundo Rodrigo Angelim, sócio do Same Same, apesar de as características dos pratos gerarem resistência no primeiro contato, "os brasilienses são mais abertos ao novo e têm a capacidade de se reinventarem na cidade", em meio à diversidade cultural. Uma prova disso é a representante comercial Simone Pessoa, que mora na capital há 42 anos e ficou encantada pela culinária tailandesa. "Brasília é uma cidade universal. Abraça todos que chegam aqui. Vim para cá com 15 anos, em 1981, sou de Recife, e me apaixonei pelas pessoas daqui, de repente viravam família. Fui crescendo e me envolvendo com a cidade, que também crescia junto comigo a cada movimento político e cultural", conta.

Na busca por um lugar em que pudesse se identificar e se sentir pertencente, David Lechtig encontrou em Brasília um espaço de acolhimento. Nascido no Peru e criado na Guatemala, o chef e proprietário do restaurante El Paso mora na capital há 38 anos e é um dos pioneiros da culinária mexicana e estadunidense aqui. "Quando vim para o Brasil, eu queria criar raízes em algum lugar e, acredite, Brasília me deu isso, me deu um lar e um lugar onde eu me identifico. Eu me sinto brasiliense, tenho orgulho de Brasília, tenho orgulho dos brasilienses", diz David. O

Mariana Lins/Esp.CB/D.A Press



"Os brasilienses são mais abertos ao novo e têm a capacidade de se reinventar na cidade"

Rodrigo Angelim, sócio do Same Same

Domo/Divulgação



"Quando vim para o Brasil, eu queria criar raízes em algum lugar, e acredite, Brasília me deu isso, me deu um lar e um lugar onde eu me identifico"

David Lechtig, chef do restaurante mexicano El Paso

Vitor Gripp/Esp. CB/DA.Press



"Brasília é uma cidade que eu amo. Meus filhos nasceram aqui, fiz família"

Rosario Tessier, chef do restaurante Trattoria da Rosário

chef chegou à capital ainda adolescente, acompanhado do pai que trabalhava no Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Ele define o El Paso como um lugar "ecletico". "Acho que o pessoal gosta muito de comemorar aniversário aqui, além de ser considerado um lugar muito romântico. Já teve o primeiro date e depois vieram para ficar noivos, aniversários de 15 anos e até casamentos", emenda.

## Africanidades

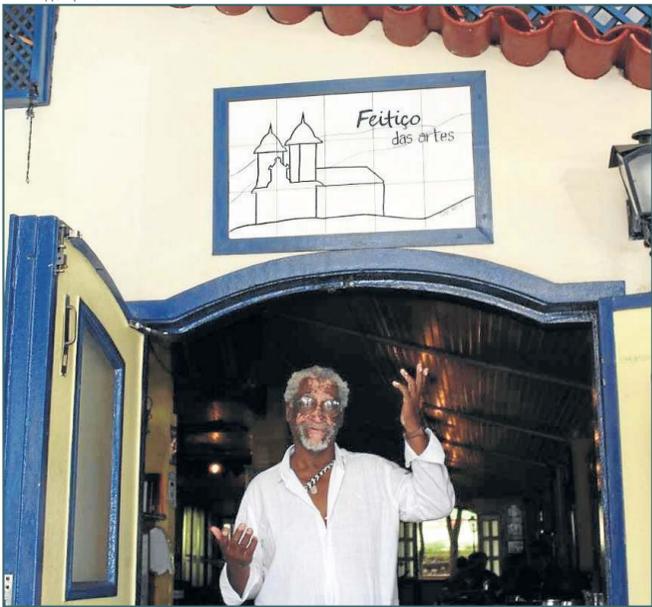
Nessa volta ao mundo em um só lugar, o restaurante Simbaz é um ponto de encontro dos brasilienses amantes da gastronomia africana. O dono e um dos cozinheiros é Chidera Ifeanyi, nascido na Nigéria e que veio para Brasília acompanhado dos pais, em 2008, para estudar engenharia elétrica na Universidade de Brasília (UnB). Com o tempo, o amor pela gastronomia superou o interesse por circuitos elétricos. "Eu encontrei a culinária por meio do meu pai e de minha tia, comecei a cozinhar desde pequeno, aos 9 anos de idade. Fiz o meu primeiro prato, e sempre vi meu pai cozinhar", diz. Em 2014, durante a Copa do Mundo no Brasil, ele virou o cozinheiro oficial da delegação da Nigéria. Dois anos depois, nas Olimpíadas do Rio, em 2016, voltou a ser convidado para ser o chefe da delegação que veio para competir. Assim surgiu o desejo de abrir o próprio restaurante, sonho que foi possível realizar em 2017, com o mapeamento das principais características dos 54 países do continente africano. Chidera diz amar Brasília, pois se sentiu acolhido aqui. "Eu me sinto brasiliense", afirma o nigeriano.

Empresário e apreciador da boa cozinha, Ulisses Azevedo ressalta ao **Correio** que, apesar de ter viajado para diversas partes do mundo, ele nunca encontrou um lugar igual a Brasília. "Na minha opinião, é a melhor cidade que tem para viver na face da Terra, não tem nada igual. Nosso clima é maravilhoso, aqui chove bem ordenadamente. O formato da cidade, por não ter prédios altos, oferece uma visão maravilhosa do céu", avalia Ulisses, que chegou à cidade antes mesmo da inauguração, em dezembro de 1959. Uma das maneiras de Ulisses se relacionar com a capital e tirar um tempo para si mesmo é conhecendo restaurantes. "Depois do trabalho, eu procuro me sentar em algum lugar e apreciar um vinho ou cerveja, eu gosto disso. Brasília é uma ótima cidade para isso", frisa o empresário. Ele se define como um apreciador de gastronomia e diz que o restaurante preferido é o Trattoria da Rosário, do chefnapolitano Rosário Tessier, que chegou aqui em 1993. "Brasília é uma cidade que eu amo. Meus filhos nasceram aqui, fiz família", diz Rosário, que é referência na culinária italiana na capital.

\* Estagiários sob a supervisão de José Carlos Vieira

**BRASÍLIA**  
63 anos

Vitor Gripp/Esp CB/DA.Press



Joel Oliveira, sócio do Feitiço das Artes: "Brasília é um marco afetivo"

Ed Alves/CB/D.A Press



O restaurante Mangai é referência da culinária nordestina na capital

## Culinária bem brasileira

Há 63 anos, migrantes de todo o país chegaram ao cerrado para a construção da capital. Hoje, Brasília é lar de diversas pessoas que vieram de outros estados do Brasil. E, para Wady Dahás, proprietário do restaurante Du Pará, a culinária é uma forma de se reaproximar e sanar a saudade de Belém, cidade onde nasceu. Foi com essa perspectiva que ele decidiu trazer a comida paraense para a capital.

Wady e a esposa, Pollyana Dahás, avaliam que os brasilienses os acolheram bem. Eles estão na cidade há 9 anos. "Vim para cá para trabalhar com açaí e camarão. Estando aqui em Brasília, eu sentia saudade do almoço de domingo com a minha família, quando fazíamos maniçoba, e então eu quis fazer um tour pela capital para procurar onde tinha a comida paraense. Descobri alguns lugares, mas vi que tinha espaço e abraçamos a causa, porque há duas coisas que nos levam às origens: a comida e a música", conta Wady. Freqüentador assíduo do local, o aposentado João Amorim, que mora em Brasília desde 1990, relata que ter encontrado o restaurante Du Pará foi um achado valioso. "Ele é 100% regional. Aqui eu consigo matar a saudade da comida paraense. Eu fui muito bem recebido na capital, vim a trabalho, não tinha intenção de ficar, mas fiquei por aqui mesmo, meus filhos e netos estão todos em Brasília comigo", destaca.

E não poderiam faltar os sabores, cores e alegria do Nordeste na capital. Segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal, de 2021, há mais de 480 mil nordestinos vivendo aqui. E o restaurante Mangai preserva as referências à região, desde a decoração até os pratos. "Ajudamos na construção de uma história, o Mangai traz toda a cultura do Nordeste a Brasília. Do preparo até a entrega. Do calor em receber as pessoas no restaurante até a comida que é feita nas raízes do nordestino", frisa Paulo Braga, gerente de operações. Segundo ele, Brasília é "referência de cidade para se viver".

Outra cultura bastante presente na capital é a mineira. E com a proposta de unir a tradição ao "novo", o restaurante Feitiço das Artes, antigo Feitiço Mineiro, abriga a culinária de Minas Gerais preparada no forno à lenha e abre espaço para grandes nomes da música nacional e também brasiliense. Joel Oliveira, um dos sócios do local, diz que o objetivo do espaço é ser uma espécie de microcosmo de Brasília, já que a capital exala diversidade. "Nós queremos um espaço familiar, uma família de todas as famílias, para representar devidamente o espaço cultural e cosmopolita chamado Brasília", define Joel, que chegou na cidade em 1977.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Wady e Pollyana Dahás, do restaurante Du Pará: origens preservadas

### CONHEÇA

#### Same Same, but different

SCS 402 Bloco E (Asa Sul); SCLRN 711 Bloco E (W3 Norte) e SHIS QI 10, Lote 1/30 (Lago Sul).

#### El Paso

SCLS 404 Bloco C, Loja 19 (Asa Sul); CLN 110 Norte, Bloco B (Asa Norte) e Octogonal 2/8, Lote 5 Piso 1 — Lojas 145/146 — Terraço Shopping.

#### Simbaz

Comércio Local Sul 412, Bloco D, Loja 15 (Asa Sul).

#### Trattoria da Rosario

SHIS QI 17 Loja 215 (Lago Sul).

#### Du Pará

SHCGN 714, BL G Loja 61/63 (Asa Norte).

#### Feitiço das Artes

CLN 306, bloco B, Lojas 45/51 (Asa Norte).

#### Mangai

SCE Sul Trecho 2 Conjunto 41, Lago Sul e Q SCN Quadra 6 Bloco A,b,c, Via N2 — Asa Norte

# GREENHOUSE

2 de Junho 2023 - QI 21 Lago Sul

www.greenhouselago.com - @greenhouselago

BRASÍLIA  
63 anos

Para além do centro do poder, Brasília é lugar de arte. As primeiras gerações de artistas da capital trabalham arduamente para continuar construindo a cultura da capital, apesar das dificuldades

» NAUM GILÓ

Arte é um dos fios condutores da história da jovem capital da República. Erguida no meio do nada, Brasília foi e é solo propício para diversas manifestações artísticas. É a vocação da cidade. No teatro e no cinema, não é diferente. Nomes de peso da arte provam que a cidade também é capital da cultura brasileira.

Hugo Rodas (1939-2022) foi a porta de entrada de muitos atores brasilienses para o teatro. Uma das heranças deixadas pelo uruguaio diretor do antológico *Os saltimbancos* (1977), com a Agrupação Teatral Amacaca (ATA). “Vi um espetáculo de Hugo pela primeira vez quando tinha 16 anos e fiquei impactada com a força dele no palco. Era muito corpo, muita dança e pensei ‘é esse o tipo de teatro que quero fazer’”, recorda Camila Guerra, uma das fundadoras do grupo e uma dos 12 integrantes.

Camila teve o privilégio da intensa convivência com Rodas, que, segundo a artista, tinha o teatro como família, além de ter uma enorme curiosidade com a vida. “Todo tempo com ele, era tempo que valia a pena estar viva. Era entrega total à arte de viver”, conta Camila. “A agrupação traz a energia do Hugo, da lógica de grupo, de amor e revolução. Embarcamos no sonho dele de viver a utopia de fazer teatro em Brasília”, explica.

Apesar do sonho e da vontade de fazer arte, Camila Guerra diz que os desafios são muitos. “Para fazer teatro em Brasília, é preciso paciência. É uma cidade muito nova. Somos as primeiras gerações do teatro na cidade, o que também a torna um lugar fértil, com uma cena ainda em construção. Mas a nossa cadeia produtiva ainda é pouco desenvolvida, com carência de profissionais em áreas técnicas, como iluminação, produção de palco e figurino”, diz a atriz. “Mas, mesmo com as intempéries, com a morte de Hugo e a pandemia, vale a pena continuar”, confessa.

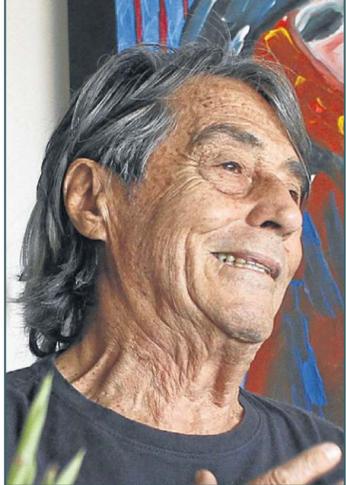
Atualmente, o grupo está se preparando para apresentação do espetáculo *Rinoceronte*, que tem a direção de Hugo Rodas. As apresentações serão nos dias 28, 29 e 30, no Sesc Ceilândia. A entrada é gratuita.

### Sexualidade

Nos últimos anos, a diversidade de gênero e de sexualidade é um tema que tem ganhado amplo espaço nos debates públicos, mas nem sempre foi assim. Alexandre Ribondi, 70, escreve e atua em peças teatrais com temáticas LGBTQI-PA+ desde 1970. “Era enfrentar a repressão, a desconfiança e o sarcasmo o tempo todo, foram as situações de violência. Mas a mensagem que levávamos para o teatro era de que não queríamos nos esconder. ‘Não queremos esperar a ditadura acabar para ter prazer’, era o nosso lema à época”, lembra.

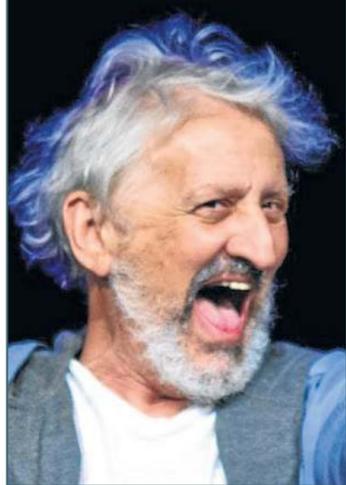
O sonho de ser ator vem da infância, aos 7 anos, após assistir Marcelino, pão e vinho, produção cinematográfica espanhola de grande sucesso nos anos 1960. “Assim que saímos da sala de cinema, falei para minha mãe que queria ser ator. Ela me falou que não tinha criado filho para ser palhaço”, recorda, entre risos. Apesar da negativa da mãe, o destino foi implacável,

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



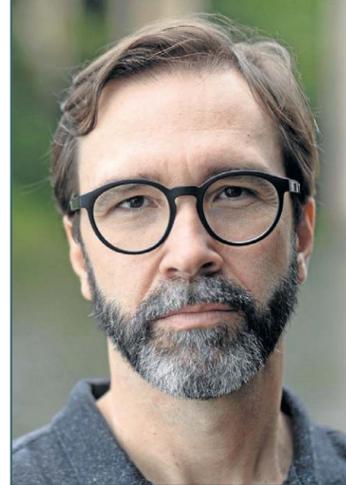
Hugo Rodas, nascido no Uruguai e um pioneiro do teatro na cidade

Casa dos Quatro/Divulgação



Alexandre Ribondi traz para o teatro a militância LGBTQI-PA+

Renato Stockler/Divulgação



O cineasta Marcus Ligocki Jr escolheu Brasília para plantar a sua arte

# Cidade também é feita de palcos e telonas

Davi Mello/Divulgação



A Agrupação Teatral Amacaca (ATA) é legado do trabalho de Hugo Rodas na arte brasiliense

Beto Monteiro/Ascorm UnB/Exclusivo para o Correio

“Sou carioca, mas meus pais já moravam em Brasília quando nasci. O foguetinho do Parque Ana Lúcia me traz recordações imensamente felizes da minha infância. Quando tive filhos, fazia questão de levá-los ao Parque da Cidade para brincar. Subir até o alto do foguetinho era sempre viajar para um mundo novo, de liberdade e céu infinitos. É claro que havia um pequeno medo na travessia, logo transformado na certeza



de poder conquistar o universo e retornar em segurança ao chão, descendo por aquela escada apertada, com os pés descalços desembarcando na areia do parquinho que pegava fogo. Agora chegou o momento de proporcionar essa experiência maravilhosa à minha neta. Que ela e todas as crianças possam se divertir no espaço sideral desta cidade encantadora.”

Márcia Abrahão, reitora da Universidade de Brasília (UnB)

entregou-se para a arte e, de lá para cá, espetáculos de sucesso foram criados por Ribondi, como *Filó Brasiliense* (1975), *Os rapazes da banda* (1981), *Crêpe Suzette*, *o beijo da Grapette* (1980), *Abigail é mais velha que Procópio* (1986), *No verão de 62* (1985), *A última vida de um gato* (2002), *Virilhas* (2005), *Felicidade* (2015) e *Mimosa* (2018).

Outros países também puderam ver de perto o trabalho de Alexandre Ribondi. Fez teatro de marionetes na França e, em Portugal, tanto atuou quanto deu aulas de teatro. Mas Brasília, cidade à qual chegou em 1968, é a sua base. “É um lugar que me inspira, seja nos momentos em que estou terrivelmente apaixonado por ela ou nas horas em que olho pela janela e digo que quero ir embora dessa cidade seca e quente”, revela o ator.

Atualmente, Ribondi ministra duas oficinas de teatro na Casa dos Quatro, espaço multicultural na 708 Norte, fundado por ele e que também serve para ensaios e espetáculos de diversos grupos da cidade, e está escrevendo, dirigindo e preparando a montagem *De volta à felicidade*, com atores LGBT's do Sol Nascente. Outro projeto em andamento é o espetáculo *Depois desse dia feliz*, que se prepara para chegar aos palcos futuramente.

### Cinema

A arte pareceu um caminho inevitável desde a infância de Marcus Ligocki Jr., um dos principais cineastas da cena candanga. Ele nasceu em Belém, mas veio com a família ainda com um ano e meio de vida. Devido às habilidades com o desenho, Marcus chegou a pensar que seria artista plástico, sendo premiado em concursos de desenho ao longo do ensino médio. No entanto, na hora de escolher a carreira, ele decidiu sair do óbvio.

Era início dos anos 1990 e o cinema brasileiro passava por tempos difíceis. O curso de cinema estava fechado na Universidade de Brasília (UnB) e acabou optando por publicidade, onde teve a oportunidade de fazer disciplinas do audiovisual, como produção e roteiro. Na mesma década, também fez cursos de cinema de curta duração, no Rio de Janeiro — experiência que o encorajou a investir ainda mais na sétima arte. Em 2003, graduou-se em formação executiva em cinema e televisão, na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Ligocki teve a oportunidade de se fixar em outros lugares, mas foi em Brasília que decidiu ficar. “Brasília é um espaço de possibilidades, sonhada e construída do nada, uma missão aparentemente impossível. É um lugar diverso e inspirador”, descreve Ligocki, que também ressalta o papel que a UnB desempenhou na vida dele. “As discussões que tive lá foram muito vibrantes”, recorda.

Entre as produções que levam a assinatura do diretor, estão *As vidas de Maria* (2005), no qual atuou como produtor, e *Uma loucura de mulher* (2016), primeira experiência como diretor. Em *Pureza* (2019), longa-metragem de grande repercussão nacional, que retrata o contexto de trabalho análogo ao escravo no Brasil e estrelado pela atriz Dira Paes, Ligocki foi roteirista e produtor.

BRASÍLIA  
63 anos

O Catetinho e o Museu Vivo da Memória Candanga guardam o legado dos pioneiros brasilienses. Vale a pena visitá-los para conhecer um pouco da saga dos pioneiros no Planalto Central

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



Artani Pedrosa: "O museu é um lugar para todos, um espaço aberto, um espaço público"

# Quando Brasília era feita de madeira e de sonhos

» ISABELLA ALMEIDA

O Museu Vivo da Memória Candanga e o Museu do Catetinho são guardiões da história de Brasília e disponibilizam aos interessados lembranças da época da construção da capital. Para muitos brasilienses, o acesso às memórias de décadas atrás permite conhecer melhor o lugar onde vivem hoje.

O Palácio de Tábuas, no Museu do Catetinho, foi a primeira edificação durante a transferência da capital, conta Artani Pedrosa, gerente do lugar, e, não surpreendentemente, foi o primeiro local a ter algumas modernidades, "a primeira luz, o primeiro telefone, a primeira geladeira", completa.

A gerente do museu descreve o papel do palácio para manter as lembranças do início de Brasília acesas. "É um patrimônio histórico desde 1979 e tem essa função social de resguardar e preservar a memória dos anos iniciais da construção de Brasília. Tem essa obrigação de preservar o acervo e promover ações educativas sobre o patrimônio cultural da cidade", ressalta Pedrosa.

Segundo ela, quem visita o lugar viaja no tempo e cria laços com o que está sendo visto. "É uma volta, é uma memória afetiva, que é ativada quando você vem ao lugar. As pessoas têm uma ligação muito forte quando entram nos espaços, quando veem as fotografias, quando notam a simplicidade do local. Elas esperam ter esse contato com 'a Brasília de madeira' dos anos iniciais."

A brasiliense Alessandra de Souza, 52 anos, revisita o Catetinho como quem revive a própria infância, marcada por inúmeras visitas ao lugar junto à família. "Lembro-me que meu pai gostava de nos levar para passear em pontos turísticos da capital, e, por repetidas vezes, ao Museu do Catetinho. Como se fosse hoje, ele explicava sobre o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro; e o então Palácio de Tábuas construído em 10 dias, em Brasília. Contava sobre cada cômodo, a comparação dos objetos do acervo com os 'atuais'. Ainda que, para nós, crianças, fosse tudo novidade dentro do Museu do Catetinho, para meus pais, o tempo passou rápido."

Neta de avós que trabalharam fornecendo materiais para a construção da capital, ela se lembra perfeitamente do que aprendeu durante os passeios no palácio de madeira. "Minha memória se faz presente como nos dias daqueles passeios pelo jardim do Catetinho, eu passava sobre uma ponte de madeira, sobre um riozinho, e uma grama sempre bem aparada e verdinha. E, pelo caminho, meu pai mostrava orgulho de ser conterrâneo de JK, e minha mãe, Marta Garcia, nunca perdia a oportunidade de falar que meu avô descarregou muitos caminhões de areia na Esplanada dos Ministérios", relembra, emocionada.



O Catetinho é uma obra icônica da construção de Brasília, de onde JK despachava



Alessandra de Souza: lembranças das visitas ao palácio ao lado do pai

O museu se tornou parte da memória de Alessandra não apenas pelos passeios com a família, mas também porque foi assim que ela conheceu a história do lugar onde nasceu. "Desde pequena, aprendi a importância da minha cidade de forma bem lúdica", destaca. Para ela, saber sobre o passado é necessário, e preservar essas lembranças, imprescindível. "Se percebe a importância de preservar nossa história, a importância de um museu nos conectando ao passado, presente e futuro", enfatiza.

O pai de Alessandra, Antônio Ronaldo de Souza, tocava violão e cantava para os filhos nos jardins do Museu do Catetinho. A música sempre fez parte da existência do Palácio de Tábuas, ressalta o gerente do espaço. "Há especialmente a ligação com a música, a primeira composta em Brasília, *Exaltação à Brasília*, foi composta aqui, no Catetinho, e a gente também tem relação com Tom Jobim e Vinícius de Moraes, que ficaram aqui hospedados para composição da *Sinfonia da Alvorada* e que daqui saiu inspiração para *Água de beber*", diz.

## Ponto Cultural

Pethalla Carvalho, 27, morou no Gama desde que nasceu até a vida adulta e conta que, para se deslocar rumo à região central de Brasília, sempre tem um viumbure do Museu do Catetinho ao lado da pista. No entanto, a história de como ela conheceu o lugar chegou muito antes dos passeios de carro ao Plano Piloto.

"Foi em um passeio da escola, o Catetinho é um dos principais pontos culturais, visitei o museu várias vezes quando pequena. A gente teve a oportunidade de aprender ali como tudo foi construído, enfatizavam muito a história do Juscelino. Era um espaço que dava para brincar, era sempre um passeio bem especial."

A advogada discorreu também sobre a importância de preservar o museu e suas memórias. "Confesso que, depois que fiquei mais velha passei muitas vezes pelo Catetinho e até um tempo atrás, percebi que foi abandonado, tanto pelas pessoas quanto pelo governo. Ele precisa, sim, ser muito bem preservado, faz parte da história de Brasília e da nossa identidade cultural. Hoje (revitalizado) ele pode ser melhor explorado, falta uma divulgação. É um lugar que faz parte de mim como brasiliense, tenho muito amor pelo Catetinho", acrescenta.

Pethalla espera que o museu continue sendo preservado, conhecido pelas pessoas e aguarda a oportunidade para levar os futuros sobrinhos para conhecer, brincar e aprender sobre a história de Brasília, "com muito orgulho".

Artani Pedrosa deixou um recado para aqueles que ainda não conhecem o Catetinho. "O museu é um lugar para todos, um espaço aberto, um espaço público, a gente espera que as pessoas visitem mais", e reforça que é um lugar que está aberto para receber todos os públicos.

## Você sabia?

O Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC) ocupa as instalações que, nos primórdios da construção de Brasília, pertenciam ao Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira. Até 1974 as 23 construções de madeira serviam para socorrer operários acidentados, fazer partos e atender donas de casa e crianças, em 1990, foi reaberto como museu com a função de preservar a história brasiliense.

As casas de madeira coloridas e cercadas de plantas dão vida à memória candanga. Com grande destaque para a mostra permanente, que ilustra a vida dos candangos 'Poeira, Lona e Concreto', o MVMC, localizado entre as regiões administrativas de Candangolândia e do Núcleo Bandeirante, oferece à comunidade diversos cursos e oficinas gratuitas, preservando e disseminando a cultura local.

Ed Alves/CB/D.A Press



Eliane Rodrigues: um retrato da trajetória brasileira

"O museu é diferente, ele também é uma escola, com oficinas para a comunidade em situação de vulnerabilidade social, aqui tem oficina de costura criativa, corte e costura, tecelagem, cerâmica, reciclagem de papel, crochê, bordado, gravura, entre outros", revela Eliane Rodrigues, gerente do museu.

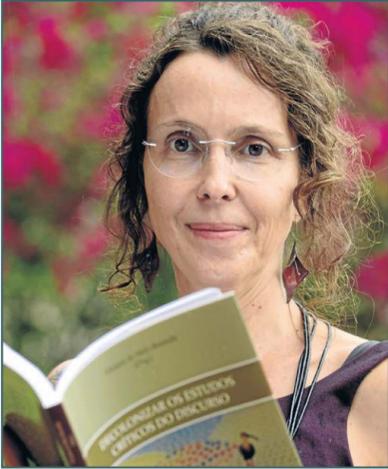
Conforme Eliane, o lugar não tem relevância apenas na história local, pois é uma parcela importante da trajetória brasileira como um todo. "É um patrimônio histórico e cultural, então é muito importante para a história. Venha visitar, gostaria de convidar a comunidade não só de Brasília, mas do Brasil para conhecer, porque ele não faz parte apenas da história local, mas do país", aponta a gerente.

Mensalmente, entre 2.500 e 5 mil pessoas visitam o Museu da Memória Viva Candanga, entre brasileiros e estrangeiros. O local recebe principalmente excursões escolares, tanto de instituições públicas, como particulares, passando para gerações futuras a história das origens de Brasília.

BRASÍLIA  
63 anos

No dia em que a capital completa 63 anos, a Universidade de Brasília (UnB) celebra um marco: 61 anos de existência. A instituição é uma referência em produção de ciência e no debate de questões sociais

Carlos Vieira/CB/D.A Press



**Viviane de Melo: "A comunidade acadêmica pulsa diversidade"**

UnB/Divulgação



**Renato Alves: "A UnB faz parte do pioneirismo dos estudos de missões espaciais"**

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



**Maria Emília: "Cresci aqui, meu pai era um professor da universidade"**

Arquivo Pessoal



**Suéllia Rodrigues: "O sentimento de JK é o mesmo que os cientistas carregam"**

# Entre o humanismo e o saber

» ALINE GOUVEIA

A história da capital e da Universidade de Brasília (UnB) se entrelaçam. Brasília tinha apenas dois anos de existência quando a instituição de ensino superior foi fundada, em 21 de abril de 1962. A construção da universidade foi norteadas pelas ideias do antropólogo Darcy Ribeiro, pelo modelo pedagógico do educador Anísio Teixeira e pelos traços do arquiteto Oscar Niemeyer. "Eram mais de 200 sábios e aprendizes, selecionados por seu talento para plantar aqui a sabedoria humana", escreveu Darcy Ribeiro, na publicação *A invenção da Universidade de Brasília*, em 1995. Com 61 anos de história, a UnB contribui para que Brasília seja um celeiro da ciência e do saber.

Para a professora Viviane Rezende, do Instituto de Letras, a Universidade de Brasília é uma potência muito particular. "A comunidade acadêmica pulsa diversidade. Na UnB encontrei um ambiente muito especial no meu campo de estudos, ligado à análise do discurso, e a nossa universidade é reconhecida como um dos principais centros de estudos críticos do discurso do país. Foi uma professora da UnB, Isabel Magalhães, a primeira a publicar sobre análise crítica de discurso no Brasil. Ela foi minha professora e sigo no esforço de formar outras gerações nessa linha de estudo", conta a docente.

Viviane nasceu em Brasília, foi para Minas Gerais estudar na Universidade Federal de Viçosa e voltou à capital depois de sete anos. Segundo a professora, Brasília é uma cidade de vanguarda. A docente é coordenadora do Calidoscópico — Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências, que é uma rede de pesquisa, com 24 instituições, que estuda gênero e sexualidade em uma perspectiva feminista, decolonial e antirracista. "Além de incubadoras sociais, teremos observatórios para mapear as violências e como as universidades atuam para combatê-las no ambiente acadêmico", pontua.

Viviane sabia que queria seguir carreira acadêmica desde a graduação e se envolveu em vários projetos de iniciação científica, no início da trajetória na universidade. "Vim estudar na UnB na pós-graduação. Eu encontrei na Universidade de Brasília um ambiente muito profícuo para desenvolver as habilidades de pesquisa e encontrar pessoas com essa mesma busca", diz a docente. Ainda de acordo com ela, a UnB se destaca no cenário de enfrentamento das desigualdades no acesso das mulheres à ciência.

## Do sonho de JK

Brasiliense de coração, a professora de engenharia eletrônica Suéllia Rodrigues Fleury nasceu em Goiânia e está na capital desde 2005. "Vir para o Planalto Central, como Juscelino Kubitschek fez, romper todas as barreiras e



**Você sabia?**

A Universidade de Brasília possui 690 laboratórios, 76 núcleos de pesquisa e 32 centros de pesquisa. Entre 2020 e 2022, a UnB teve 34.382 produções bibliográficas, técnicas, artísticas e culturais e 10.587 artigos publicados em periódicos no mesmo recorte temporal.

perceber o que ninguém tinha percebido, é o que a ciência faz. Nós, cientistas, vemos onde ninguém vê, quebramos as barreiras. O sentimento de JK é o mesmo que os cientistas carregam, que é o de transformar. E Brasília me dá esse sentimento", declara Suéllia. A docente coordenou o projeto de criação da máscara Vesta, que utiliza nanotecnologia para inativar o vírus SARS-CoV-2, causador da covid-19.

A barreira química do respirador facial desenvolvido na UnB é feita de quitosana, uma macromolécula extraída da carapaça de crustáceos, como o camarão e a lagosta. O projeto foi aprovado e registrado na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Além dessa iniciativa científica, a professora Suéllia, que é premiada nacional e internacionalmente, está à frente do projeto Rapha, que foca no tratamento de feridas de pessoas diabéticas. "O produto (que estudamos)

cicatrizas feridas utilizando uma lâmina de látex derivada da seringueira *Hevea Brasiliensis*, um ecoproduto, que exige um plantio de árvores na política de ciência ecológica", explica a docente. O projeto se desdobrou na pesquisa Organs-on-a-chip (órgãos em um chip), que visa a redução do uso de animais em laboratórios. Para Suéllia, Brasília é um ambiente pulsante na ciência.

A UnB também é presente no cenário de pesquisas espaciais. O professor Renato Alves Borges, do departamento de engenharia elétrica, chegou a Brasília em 2011 para dar aulas na UnB e foi responsável pelo primeiro nanossatélite da capital, lançado para a órbita da Terra em 2022. O objeto espacial tem apenas 10cm de aresta e pesa cerca de 1kg. O projeto científico é denominado AlfaCruz e neste mês faz um ano que o pequeno satélite está em órbita. "É um processo de

expansão do conhecimento e da nossa capacidade de sentir o universo, de entender onde estamos inseridos como planeta. A UnB tem papel de destaque, ela faz parte do pioneirismo dos estudos de missões espaciais, em especial as missões de pequeno porte, e também do estudo de veículos lançadores. Certamente, a UnB está muito bem posicionada", comenta Renato acerca das pesquisas com nanossatélites e foguetes.

Já a professora Maria Emília Walter, decana de pesquisa e inovação da UnB, ressalta que o potencial científico da capital se reflete em todo o Distrito Federal. A relação da docente com Brasília passa pela vinda dos pais dela para cá, em 1958. "Nasci fora de Brasília, mas vim com duas semanas para cá, sou mais velha que a capital. Cresci aqui, meu pai era um professor da universidade e também engenheiro, então atuou em muitas obras na

cidade, em particular na UnB. Estudei na Universidade de Brasília, fui aluna de graduação, depois de mestrado e fui fazer doutorado fora, porque, à época, não tinha a especialização em computação. Depois ajudei a criar o nosso doutorado. Meus filhos todos nasceram aqui. Brasília é uma cidade diferente das demais. Assim como meus pais, me sinto parte da construção da capital", relata Maria Emília.

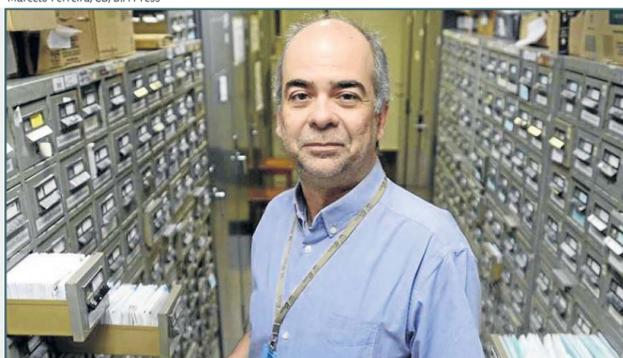
## Saga na Antártica

Desde criança, o professor Paulo Câmara, do Instituto de Ciências Biológicas, é fascinado por regiões polares e pela ciência de modo geral. Em 2013, ele começou pesquisas na Antártica — um ano após o incêndio que destruiu as instalações da base brasileira Estação Comandante Ferraz. Segundo o docente, a UnB foi a primeira universidade, fora do eixo Sudeste-Sul, que passou a ter projeto no continente gelado — o que mostra como Brasília é um expoente na ciência. "A UnB está há 10 anos na Antártica e é a única universidade que estuda a vegetação do continente. Nós não costumamos pensar que a Antártica tem plantas, mas tem. Eram 111 espécies e hoje são 116, descobrimos algumas por meio desse projeto com a UnB", ressalta o professor.

Em 14 milhões de km<sup>2</sup>, a Antártica abriga a maior reserva de água doce do mundo. "São 10% do planeta com as maiores riquezas, além de todo o potencial biotecnológico, de novos fármacos. É uma área que não tem dono, pois é regida por um tratado próprio. Dos mais de 193 países reconhecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), só 53 assinaram esse tratado, e desses, apenas 29 têm direito a voz, voto e veto nas decisões, e o Brasil é um deles. O que nos dá esse direito é fato de fazermos pesquisa científica, por isso as pesquisas nunca pararam, mesmo após o incêndio de 2012. Continuamos a bordo de navios, em estações de países amigos", destaca Paulo.

O professor explica que a relevância das pesquisas da UnB na Antártica passa pelo fato de que os regimes de chuvas e pesca do país são afetados pelo continente gelado. "Se tiver derretimento de gelo, vai chegar primeiro no Brasil do que nos Estados Unidos, por exemplo. O país é o sétimo mais próximo à Antártica", pontua Paulo. As pesquisas desenvolvidas lá fazem parte do Programa Antártico Brasileiro, que já dura 42 anos — o mais longo projeto científico do Brasil. Segundo Paulo Câmara, que nasceu, se formou e construiu família em Brasília, os últimos 10 anos do Programa Antártico não podem ser entendidos sem contar a história da UnB, principalmente pelo desenvolvimento de uma linha de pesquisa única no continente gelado: a botânica. "A Antártica não é vista nos livros de escola, não cai no Enem. E o país tem um vínculo forte com o clima do continente. A UnB tem feito um trabalho muito bom em explicar isso", relata Paulo.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



**A UnB está há 10 anos na Antártica e é a única universidade que estuda a vegetação do continente"**

**Paulo Câmara, professor do Instituto de Ciências Biológicas**

BRASÍLIA  
63 anos

Empreendedores criam marcas com o intuito de celebrar o pertencimento à capital, com estampas e desenhos que remetem ao cotidiano e ao bom humor da cidade criada por Niemeyer

Arquivo Candanguice



Caio Porto e Diogo Pipas, proprietários da Candanguice, exibem as estampas que brincam com os monumentos da cidade

# O jeito de viver brasiliense virou moda

» LETÍCIA GUEDES\*

Alinhando o interesse de empreender à vontade de homenagear Brasília que, desde sempre, os cativos, os proprietários das marcas tradicionais da capital encontraram na moda uma forma de expressar, por meio de suas etiquetas, o amor pelo quadradinho. Administrada pelos sócios Caio Porto e Diogo Pipas, a Candanguice, que já denuncia o elo afetivo no nome, foi inaugurada em 2014, pelo desejo de Caio de preencher o que ele via como uma lacuna existente no ramo da moda, quando se falava em uma marca com um “jeitinho brasiliense”. Caio queria explorar as histórias e a cultura da capital.

O empresário conta que a marca sempre foi recebida com muita simpatia pelos clientes e que todos sempre abrem um sorriso quando olham os produtos, pois gostam das ideias e do conceito por trás de tudo. “As pessoas se sentem parte da marca. É como se a Candanguice fosse cúmplice do amor que elas sentem por Brasília”. A loja confecciona camisetas que brincam com os monumentos brasilienses, canecas, acessórios e até velas aromatizadas com a personalidade candanga.

Thaysi de Paula, 33, servidora pública, é cliente da loja e confirma a informação. A servidora está entre os vários brasilienses amantes da marca. “Tenho muito orgulho de carregar as estampas Candanguice no peito e de ser reconhecida como tal, seja na própria Brasília, seja até nas outras cidades para as quais viajo”. Ela esclarece que a marca surpreendeu-a desde o início, pois conseguiu, ao mesmo tempo, transpassar estilo e orgulho de ser brasiliense.

Com a Dane-se, não foi muito diferente, Daniel Moreira e Enozor Junior idealizaram a marca a partir do desejo de vender um produto que mostrasse o lifestyle brasiliense. Batizada com a junção dos nomes dos dois sócios, Dane-se surgiu em 2015, em um breve evento no Parque da Cidade e, desde o primeiro momento, conquistou aqueles que passavam próximo ao local onde as camisetas estavam sendo vendidas.

Os sócios, apaixonados pela arquitetura e cultura do lugar, naturalmente decidiram que a alma do produto seria mostrar “o que é ser brasiliense”. E, pelos relatos dos clientes, a ideia deu certo.

Cliente fiel da marca, Luciano Canadá, sócio do Eixo Coworking, conta que gosta de usar as peças da loja, pois acha legal exportar um pouco da capital para fora do quadradinho, então,

além de usar no dia a dia, gosta de levar as camisetas brasilienses da Dane-se quando visita outros estados. Luciano cresceu em Brasília e apaixonou-se pelo lugar assim que o conheceu, aos 13 anos. “Eu sou apaixonado por Brasília. Cresci aqui, tive a oportunidade de conhecer muita gente, correr pela Asa Sul e pela Asa Norte, andar de bicicleta por muitos lugares. Eu gosto muito daqui!”, conta Luciano.

Presentear os familiares com a marca virou costume de Luciano, ele explica que dar um presente da Dane-se é como entregar um pouquinho de Brasília para eles levarem aos outros estados. “Quando tem alguém de fora, algum primo meu de São Paulo ou do Rio de Janeiro, eu sempre compro alguma coisa relacionada a Brasília para eles guardarem e levarem um pouquinho daqui para lá”, reforça Luciano.

A artista plástica Letícia Brasileiro fundou a Laletá por meio do desejo de buscar novas formas de expressão de levar arte ao guarda-roupa feminino. Moradora do quadradinho desde o primeiro ano de idade, a artista cresceu com o privilégio de observar a cidade de perto. “A arquitetura e beleza impar da cidade despertaram meu olhar para as artes desde a infância”, diz ela. Letícia conta que, quando criou a marca,

que traz a arquitetura de Brasília na estampa das peças, queria que a mesma tivesse o DNA da cidade, para que o brasiliense se identificasse com ela.

## Essência

Sarah Vale, arquiteta e cliente fiel da marca, tem Brasília como essência e é uma apreciadora do trabalho de Letícia. “Acho muito interessante essa questão de desconstruir a arquitetura de Brasília nas roupas por meio da arte. Traz, para mim, a essência do meu negócio, da minha característica, de personalidade”, ressalta.

A arquiteta, que também é artista plástica, conta que é apaixonada por arte e que a união que Letícia faz entre a arquitetura, cores e estampas é, para ela, arte. Sarah considera um privilégio poder vestir algo que traz na composição o que faz parte de quem ela é.

Raimundo Nonato, mais conhecido como Natinho, também é um dos empreendedores que performa, em sua marca a admiração que cultiva pela paisagem brasiliense. O multiartista Natinho produz camisetas em Brasília desde os anos 1980. Junto à esposa, Lissandra Fernandes, e com a ajuda da família, mantém, em no Conic, o Mercadinho, apelidado

desta maneira pela semelhança com os antigos comércios, onde o cliente tem contato direto com os proprietários e, ao final da compra, sempre leva uma lembrança para casa.

Cativado pelos vários ângulos e formas da capital, Natinho descreve o lugar como um holograma de ideias. O proprietário gosta de trabalhar os ipês e as diversas formas arquitetônicas, criando artes e trocadilhos, com a ajuda de amigos artistas, que também fomentam o acervo de material criativo que se transformam, posteriormente, em camisetas. “É um prazer muito grande fazer camisetas de Brasília, porque Brasília tem vários ângulos, tem várias formas de enxergá-la, então, é maravilhoso! Parece um holograma de ideias que nunca se acabará”, enfatiza.

Inspirados pela bela paisagem e costumes particulares que o quadradinho abriga, os empreendedores têm em comum a admiração às diversas formas da capital e alcançam, há anos, aqueles que enxergam, nas peças de cada marca, a capacidade de mostrar, sem falar uma palavra, suas raízes e apreço pela capital.

\*Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira

Carlos Vieira/CB/D.A. Press



Espaço Laletá: Letícia Brasileiro (D) e Sarha Valle, cliente

Zuleika de Souza/CB/D.A. Press



Natinho Dente de Ouro

Carlos Vieira/CB/D.A. Press



Enozor e Daniel, da Dane-se; e Luciano Canadá, cliente fiel da loja

BRASÍLIA  
63 anos

Brasília exhibe uma variedade de espécies de plantas que, mescladas aos monumentos modernistas, formam um cenário poético e inspirador, transformando a cidade num grande cartão-postal a céu aberto

» MARIANA SARAIVA

Quem circula pelas ruas da capital do país tem o privilégio de contemplar jardins, canteiros e árvores que cercam a cidade. Elas colorem e encantam o cotidiano dos brasilienses durante o ano inteiro, cada floração tem a época certa. Apesar de ser exuberantes, a vantagem dessa rica vegetação não está apenas no conforto visual, ela purifica o ar, proporcionam sombra, atenua a luminosidade excessiva e o calor, além de melhorar a umidade do ar e reduzir a ação dos ventos.

A preocupação com o paisagismo da cidade não é algo recente, os programas de arborização foram iniciados logo após a construção da capital, quando várias espécies exóticas originárias de outras localidades do país e do exterior foram plantadas. No entanto, nem todas se adaptaram ao clima e ao solo seco e ácido do cerrado. Elas acabaram sendo erradicadas e, aos poucos, substituídas ao longo dos anos por espécies mais adequadas à região. Atualmente com 63 anos de idade, Brasília exhibe variedades de plantas, que, em contraste com os monumentos modernistas do centro, formam um cartão-postal poético a céu aberto.

Em toda a flora, algumas espécies se transformaram em símbolo da identidade do quadrado. Os ipês, flamboyants, paineiras, quaresmeiras, cambuís, magnólias chamam atenção a distância. Segundo Raimundo Silva, chefe do Departamento de Parques e Jardins (DPJ) da Novacap, ao todo, existem 550 canteiros ornamentais sob cuidados do órgão. "Toda semana um arquiteto roda a cidade fazendo vistorias, quando é apontado nos relatórios a necessidade de manutenção", explicou.

Ainda de acordo com ele, as mudas nos canteiros são trocadas a cada 180 dias de vida. "O intuito é que as pessoas não se acostumem com a paisagem. A cada seis meses, parte dos nossos canteiros são substituídos com novas espécies e cores diferenciadas, que

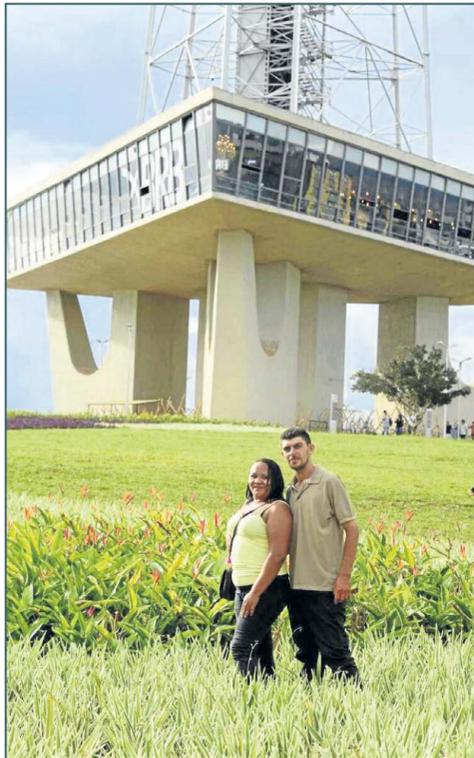
# Flores e árvores colorem o concreto

Ed Alves/CB/D.A Press



Manoel Scooby: "O meu (canteiro) preferido é no começo na W3 Norte"

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Wanderson e Maria de Fátima: renovando as energias em meio aos jardins

acompanham o fator climático da estação do ano", ressaltou.

A estudante Amanda Borges, 19 anos, sempre passa pela região da Torre de TV e conta que observa a mudança nas cores das flores dos canteiros. "Além de muito bonito, isso renova a cidade", diz ela. Para José Oliveira, 27, os canteiros do centro da cidade são um oásis no deserto de concreto e de aço. O rapaz, que já fez entregas de bicicleta pela cidade, conta que já foi salvo pelos jardins. "Eu me joguei em um para não ser atropelado por um carro" relatou.

Dados da Novacap mostraram que, ao todo, 60 espécies de plantas são espalhadas pelos canteiros e jardins da capital. Em variedade de espécies e diversidade, o cerrado só perde para a flora da Região Amazônica. Nos viveiros, são realizadas pesquisas agrônomicas e experimentações de novas espécies de árvores e flores que se adaptem às condições climáticas e de solo do Distrito Federal.

O casal Wanderson Xavier, 33, e Maria de Fátima, 34, mora em Santo Antônio do Descoberto (GO). Os dois gostam de vir à área central de Brasília passear e sempre ficam encantados com a paisagem que encontram. "Essas flores dão mais brilho à cidade e atraem pessoas de outras regiões para conhecer a capital, além de chamarem energias positivas", disse Wanderson.

Motorista de aplicativo, Manoel Scooby confidenciou ao **Correio** que gosta de contemplar os canteiros espalhados pelo Plano Piloto, mesmo correndo risco de ser multado. "Estou cheio de notificações de trânsito por apreciar a beleza da nossa cidade, eu amo observar cada árvore e cada planta, inclusive, o meu preferido é no começo na W3 Norte, lá tem um plantio de flores, fica bem escondido, mas é muito lindo", sugeriu.

Brasília tem servido de exemplo para outras cidades. A Novacap recebe frequentemente técnicos de outras regiões para estágios supervisionados, com o objetivo de implementar, em suas localidades de origem, os programas semelhantes ao desenvolvido aqui.



## Brasília agora tem uma nova opção de mobilidade. O Garupa chegou.

Garupa é um aplicativo de mobilidade 100% brasileiro, presente em mais de 700 cidades.



Ao baixar e se cadastrar você ganha **R\$ 5,00 de desconto** em sua primeira corrida

[www.garupa.com](http://www.garupa.com)



@garupabrasiliadf

(61) 99307-0848

BRASÍLIA  
63 anos

Athos Bulcão, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Marianne Peretti e João Filgueiras Lima, o Lelé, deixaram uma série de projetos que deram à cidade beleza inigualável que precisa ser preservada

# Legado urbano de grandes artistas

» NAHIMA MACIEL

Brasília sempre se reinventou, mas nunca se desgarrou do arcabouço urbano, para usar a palavra da moda, criado pelos fundadores e pelo time de artistas que levaram a humanidade para o concreto e transformaram a cidade em museu a céu aberto. É preciso, no entanto, lembrar sempre que a oferta generosa de espaço, linhas elegantes, verde abundante e obras de arte acessíveis não é coisa dada e para sempre garantida. Cinco nomes formam a base do aspecto urbano e plástico da cidade. Athos Bulcão, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Marianne Peretti e Lelé, o João Filgueiras Lima, são espécies de pais fundadores de Brasília.

Para Eduardo Pierrotti Rossetti, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB), falar no legado desse quinteto ganhou outra dimensão após a pandemia e depois dos atos antidemocráticos do 8 de janeiro. “A mudança das perspectivas políticas do governo federal recoloca, no fundo, a cidade enquanto capital. Esse legado tem que ser pensado na sua carga simbólica de efeito nacional. Há uma espécie de incompreensão sobre Brasília, uma falta de interesse sobre a cidade, e nós temos que ter essa percepção de maneira tranquila, serena e continuada”, diz. “Não podemos achar que isso é uma coisa dada, que todo mundo entendeu. Brasília é uma cidade muito complexa, tem um arcabouço complexo e sofisticado.”

Proteger é verbo que precisa ser constantemente conjugado na cidade criada para ser o símbolo da modernidade nacional. “A cidade não seria um museu se não tivesse uma concepção de que é unitária. Ela tem uma unidade de concepção plástica que a faz diferente, mas está constantemente ameaçada”, garante a historiadora de arte e pesquisadora Graça Ramos. “Essa é a grande diferença para qualquer outra grande cidade do mundo, essa perspectiva livre, mas isso está em constante ameaça. E a questão das escalas, a cada dia tem mais pressão para romper. Perdendo isso, a cidade se descaracteriza completamente e coloca em risco o título de patrimônio”, ressalta.

O arquiteto Matheus Seco lembra que Lucio Costa é o começo de tudo. “É o cara que concebeu a cidade. São várias camadas de contribuição, é difícil resumir, mas acho que o mais importante é a criação de uma cidade moderna que seguiu os preceitos modernos da época, inclusive uma camada simbólica que é muito especial: ele pensou a cidade não só como moderna, mas como uma capital, com toda a simbologia que tem uma capital do país”, explica Seco, um dos sócios do escritório Bloco Arquitetos. “Não só é uma cidade moderna, mas uma cidade moderna que é a capital de um país que pretendia ser moderno. Simbolizava um salto que a gente almejava e ainda almeja ter. Esse é um legado, apesar da realidade que se impôs”, complementa.

Ao diálogo entre o urbanismo de Lucio Costa e suas escalas e as linhas e o concreto de Oscar Niemeyer, acrescentam-se as intervenções de Marianne Peretti e Athos Bulcão, dois artistas que se tornaram uma constante nos espaços públicos e prédios oficiais da capital. “Athos conseguiu fazer a integração entre arte e arquitetura de maneira que é sempre surpreendente para quem está passando pela

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Marianne Peretti criou os vitais da Catedral

Breno Fortes/CB/D.A Press



O desenho da Esplanada dos Ministérios é herança de Lucio Costa

Divulgação/Fundação Athos Bulcão



Os azulejos de Athos Bulcão integram arte e arquitetura na Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 308 Sul

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Burle Marx fez paisagismo para o Parque da Cidade

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A 308 Sul virou quadra modelo com os jardins de Burle Marx

Zuleika de Souza/CB/D.A Press



Lelé projetou o Hospital Sarah Kubitschek

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A modernidade de Niemeyer está nas curvas do Palácio do Alvorada

cidade. Não é uma integração exibida, é de uma delicadeza e inteligência muito grandes. E é inteligente, você é surpreendido por ele. Poucos artistas fazem esse diálogo de maneira tão equilibrada”, diz Graça Ramos.

Se Athos fez dezenas de painéis de azulejo, madeira e outros materiais, espalhados por espaços que vão do Parque da Cidade aos salões nobres do Congresso Nacional, Peretti fez do teto da catedral e de áreas comuns do prédio que abriga o legislativo verdadeiros vislumbres lúdicos. Nos vitrais da Catedral e do Panteão da Pátria, na escultura na Câmara dos Deputados, a artista nascida em Paris, e criada em Pernambuco, propôs aos visitantes um olhar translúcido e abstrato para a arquitetura.

Nesse intercâmbio entre arte e arquitetura, não se pode deixar de fora o paisagismo de Burle Marx. Designer, escultor, pintor e até cantor, Burle Marx é um dos responsáveis por boa parte do visual do Parque da Cidade. “Ele não está presente nos primórdios da cidade, ele entra depois do fim do governo JK, mas o que fez é tão impressionante que, se tivesse sido reproduzido nas outras entrequadradas da cidade, elas teriam outra perspectiva de beleza e outra qualidade de vida. Porque o resultado é maravilhoso, tanto para o que ele escolhe para paisagismo, quanto para o mobiliário urbano”, acredita Graça Ramos.

O museu a céu aberto é capitaneado, sobretudo, pela enorme concentração de prédios históricos que são hoje referências arquitetônicas para o mundo inteiro. Essa concentração — e não apenas o fato de serem exemplares icônicos do modernismo — é um dos grandes legados de Oscar Niemeyer. “Dentro desse legado do arcabouço urbano de Lucio Costa existe um legado arquitetônico de Oscar Niemeyer e de múltiplas escalas de valor histórico. O legado dele precisa ser considerado dentro desse arcabouço urbano. E acho que o Niemeyer deixa outro tipo de legado para a cidade, que é pensarmos a quantidade de obras de arquitetura em uma cidade do mesmo arquiteto. Isso implica um estudo constante da obra dele, uma obra complexa, multifacetada e muito mais plural do que a gente considera”, diz Rossetti.

Muitos outros arquitetos, alguns da equipe de Niemeyer ou herdeiros das ideias modernistas que nortearam a construção da cidade, continuaram a projetar no Plano Piloto, mas João Filgueiras Lima, o Lelé, está entre os mais celebrados e cujo legado vai para além das formas arquitetônicas. Boa parte de seus projetos priorizam a funcionalidade e a eficiência, com soluções sustentáveis e acessíveis para a população de baixa renda. “Ele tinha uma cabeça de arquiteto muito voltada para o processo construtivo, projetava de acordo com os meios disponíveis. Economicidade de obra, racionalidade de obra, aproveitamento de luz natural”, explica Matheus Seco, cujo escritório está localizado no Edifício Morro Vermelho, projeto de Lelé. “Essa postura dele inspira a gente até hoje.” Em Brasília, Lelé projetou as duas unidades do Hospital Sarah Kubitschek — uma na região central do Plano Piloto e outra no Lago Norte —, o Memorial Darcy Ribeiro, conhecido como Beijódromo; o Hospital Regional de Taguatinga e prédios residenciais na Colina e na 109 Sul, além do Edifício Camargo Corrêa, no Setor Comercial Sul.

**BRASÍLIA**  
63 anos

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Ángela Meira e Carlos Madson: valorização da programação e da arquitetura do Cine Brasília

Frequentado por gerações de cinéfilos de várias regiões do DF, o local faz parte dos monumentos que representam o modernismo na capital do país

# A força do audiovisual no Cine Brasília

» RICARDO DAEHN

Morador da capital, desde 1972, o arquiteto Carlos Madson, 68 anos, não faz mistério da motivação para ter parado em Brasília: foi a arquitetura de Oscar Niemeyer que mobilizou o então estudante da Universidade de Brasília (UnB). Dentro daquele que é considerado o templo de cinema da cidade, o Cine Brasília (EQS 106/107), Madson atenta para a qualidade da programação, numa afinidade emocional com o constante reencontro mantido com amigos naquele cinema.

Nas percepções, Madson é catedrático: “Certamente é a casa de cinema mais bonita do Brasil. É uma instalação contemporânea e há qualidade na projeção. Ainda existe a questão de ser um projeto de Oscar Niemeyer. É um patrimônio, efetivamente, da cidade de Brasília e do país”. Ao lado dele, a esposa Ángela Meira, 67, reitera que, por mais de uma vez na semana, eles ocupam poltronas do cinema.

O casal, que mora na 108 Sul, em recentes anos, guardava a, contornada, “maior tristeza de ver o abandono” imperando no local. “Antes, o cinema estava relegado a quinto plano pelos governos. Frequentemente, agora, vemos o cinema cheio, de novo, depois de revitalizado. Retomaram até as sessões matinais para as crianças. A programação é maravilhosa, foge daquela dos filmes de Hollywood, que se vê em qualquer cinema”, observa a também arquiteta Ángela. Regular espectadora das mostras oferecidas no Cine Brasília, ela ainda se empenha em repassar o gosto pela sétima arte para os netos Henrique, 19; Eduardo, 16 e Enzo, 12.

## Laços

Uma descoberta, a partir da mostra de filmes orientais, exibidos em caráter gratuito, uniu ainda mais os amigos de UnB Reriston Martins, 25, mestrando em ciências sociais, e as amigas Kássia dos Santos, 26, estudante de filosofia, e Thayuany Rodrigues, 25, também estudante de ciências sociais. “Elas também são da periferia, do Entorno de Brasília. Ficamos encantados com o espaço do Cine Brasília. A energia que tem remete à construção da cidade: você vê a capital voltada para todas as classes — num convite à ampla discussão de arte”, avalia Reriston, morador de São Sebastião.

A ida ao cinema veio como consequência da entrada na universidade. “Na periferia, há coisas que não chegam na favela. Lá, há uma carência de cultura, de cinemas, shoppings e teatros, tudo fica concentrado no Plano Piloto. Quando tem algo voltado para cultura, normalmente é uma atração precária. Descobri o Cine Brasília por meio de um documentário sobre a construção de Brasília”, conta o mestrando que celebra a acessibilidade a todos, “tanto à classe trabalhadora quanto às outras”. Com estímulos à frequência, dado o “preço justo”, Reriston já anotou na agenda outros elemento de atração: o futuro Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, tradicional impulso de público para o Cine Brasília, desde 1965.

Inaugurado em 23 de abril de 1960, o Cine Brasília, à época arrendado pela Luiz Severiano Ribeiro Ltda., seguiu na linha de priorizar o fluxo de filmes nacionais, a partir de convênio com a Embrafilme em 1980. “Hoje, o renome do Cine Brasília vem do festival e de mostras especiais que contemplam dados de raça e gênero, além das mostras promovidos em co-patrocínio com embaixadas. Nisso, temos uma parcela de público que não é o vista costumeiramente nas outras salas de cinema”, comenta o programador da sala, Sérgio Moriconi.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Whitney Gonçalves gosta de filmes vanguardistas como *Raquel 1:1*

Arquivo Pessoal



Kássia, Thayuany e Reriston: ponto de encontro e de bate-papo sobre cinema

Nove anos antes do lançamento do Cine Atlântida, que trouxe 1,2 mil poltronas de cinema para a cidade, e 27 anos antes da realidade da inauguração das oito salas do ParkShopping, que tornaram, temporariamente, Brasília detentora do título de maior complexo de cinemas da América Latina, o Cine Brasília emergiu. Quase 50 anos depois, foram intensificadas as queixas quanto à segurança, iluminação, ar-condicionado e poltronas quebradas. Dois anos depois, veio o anúncio da reforma, efetivada em 2013. Sinalizando resistência, numa realidade em que sucumbiram os antigos 850 lugares do Cine Karim, os 800 do Cine Márcia 800 e os quase 1,5 mil totalizados pelos extintos Miguel Nabut, Badya Helou e Bristol, o irmão mais velho do Drive-in (criado em 1973), permanece ostentando 606 lugares.

## Novos tempos

Reaberto em agosto passado, depois de fechado por quase três anos, em função da pandemia e outros fatores, o Cine Brasília teve atividades retomadas, a partir da implementação de um modelo novo de administração, que fundiu aparatos da Secretaria de Cultura e Economia Criativa aos da organização da sociedade civil Box Cultural. “O principal êxito é o retorno do funcionamento regular do cinema, com a bilheteria digital, que foi um desafio proposto, junto com a comunicação que difunde melhor a programação. Temos implementadas políticas de gratuidade que alcançam, por exemplo, a ação da entidade Jovens de Expressão (Ceilândia) e alunos de audiovisual da UnB e do IFB, além da gratuidade para deficientes e acompanhantes. Isso torna a programação acessível e traz crescimento de público”, avalia a diretora geral do novo modelo do local Sara Rocha.

“A programação infantil do Cine Brasília tem nos surpreendido muito positivamente. Ela vem gerando essa fidelização na sensibilidade de novos públicos, e estamos bem felizes”, conta Sérgio Moriconi. Ele aponta, no apelo de programação abertamente cultural, feitos como os pagantes da mostra que destacou, em dezembro passado, os melhores filmes de 2022, “um enorme sucesso, com filmes que chegaram a público de mais de 200 pessoas”. Com mais de três semanas de sessões, a exibição de documentários sobre personalidades como Clarice Lispector e Beth Carvalho mantiveram a onda de sucesso cravado pelas mostras de cinema.

Formada em direito, Whitney Gonçalves, 26, é das espectadoras adeptas de filmes que trazem questionamentos, e, moradora da Ceilândia, celebrou a implantação de agente facilitador da ida aos cinemas: a estação de metrô da 106 Sul. “Aqui se tem uma seleção que difere do que é oferecido pelas plataformas de streaming — sou tocada pelo que assisto. Vejo filmes com temas críticos, que incomodam, nos tiram do centro, e nos balançam”, comenta. Espectadora recente do filme francês *As histórias de meu pai*, centrado em uma figura autoritária, Whitney se viu impressionada com a violência sofrida pela esposa do protagonista, castigada por sair para passear. Irmã de cinco homens, Whitney vê que passar o tempo no cinema gera reflexão. “O cinema nos deixa se descobrir no mundo, estando sozinha como sujeito. As mulheres demoram a sair sozinhas, para eventos, num caminho no mundo para se descobrirem — acredito que com a arte, a gente se transforma. A gente que é mulher fica muito pra casa, para o serviço, e para cuidar do outro”, enfatiza. Uma mudança se apresenta em curso.

João Miguel Jrnior/Divulgação



**Minhas andanças prediletas em Brasília seguem sendo as calçadas no meio das super quadras arborizadas. Isso é algo que não se encontra em qualquer cidade. Também amo poder descer do prédio e ir correr. E tenho gostado muito de descobrir novos cafés na cidade”**

**Maeve Jinkings**, atriz

Nash Laila/Divulgação



**Um lugar que eu amo é a Água Mineral. Morei em Brasília mais tempo dos 15 aos 26 anos, mas também morei um período mais curto, quando criança bem pequena. E tenho lembranças remotas de adorar aquela piscina”**

**Tulio Starling**, ator

**BRASÍLIA**  
63 anos

O Espaço Renato Russo tem aquela atmosfera estudantil que atrai pessoas de várias idades e oferece atividades culturais e oficinas artísticas. Além disso, oferece espetáculos teatrais e exposições

» RICARDO DAEHN

Frequentadora empolgada dos festivais de artes com ocupação de espaços públicos, e ainda partidária da afiada programação do Cine Brasília, a soteropolitana Ilca de Castro Lemos, 36 anos, há 12 anos na cidade, elege as idas ao Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul) como das mais importantes no circuito artístico, ao lado da filha Morena, 10. “Brasília é uma cidade culturalmente muito rica. Depois de reformada (até 2018), a 508 Sul passou a me interessar pelas exposições. Estou sempre de olho no que acontece na cidade. Consumo muito cultura”, conta Ilca que, “entre peças incríveis, num espaço super agradável, nunca esquecerei *O rinoceronte*, dirigida pelo dramaturgo Hugo Rodas (morto em 2022).

Num passeio entre a mostra Desalinhos e costuras: arte e loucura, Ilca, moradora do Jardim Botânico, conta do intuito de se matricular e ver a filha matriculada nas tradicionais oficinas do espaço. “A agenda deles para os cursos ministrados foi uma surpresa pra mim, ainda mais num formato gratuito. Não consegui vaga, mas achei sensacional a iniciativa”, observa a consumidora de arte, num “nível intuitivo”, e que confia “na sensibilidade” para escolher diversão.

Para o aniversário da cidade, o Instituto Janelas da Arte, Cidadania e Sustentabilidade, ligado a termo de gestão participativa com o GDF, e que cuida das atividades formativas e do manejo da programação, selecionou uma carga de atrações gratuitas, que incluem o Grupo de Cordas da

# Local para chamar de seu!

Fotos: Ricardo Daehn/CB/D.A Press



Clarice Sesana, estudante de teatro, ao lado do colega Davi de Souza, no Espaço Cultural Renato Russo

Ilca de Castro Lemos com a filha Morena: descobertas na 508 Sul



Orquestra Filarmônica de Brasília, palestras e performances ligadas ao Dia Mundial da criatividade, feira com artigos de povos tradicionais de matriz africana, contação de história para crianças e Oficinas de quadrinhos, além de homenagem para o poeta e jornalista TT Catalão (morto em 2020) e apresentação do Grupo Seu Estrelo e o fuá de Terreiro.

## Mais renovação

Movidos por trabalho apresentado por um professor, no Espaço Cultural Renato Russo, os jovens estudantes do Colégio Madre Carmen Sallés Davi de Souza e Clarice Sesana engrossaram o grupo de brasilienses atentos à diversidade de atrações na 508 Sul. “Vimos prestigiar nosso professor de artes cênicas (Arthur Matos). Queremos aprender, e o Espaço Renato Russo traz um tempo e espaço de aprofundamento de estudo”, explica Clarice.

Davi conta que descobriu o local com a apresentação teatral, ao que Clarice completa: “As artes cênicas instigam muito o contato do ser humano. Particularmente, a valorização do teatro vem como uma ruptura do tempo que nós perdemos com a pandemia. O espaço (da 508 Sul) precisa ser valorizado por causa da circulação das pessoas por lá, e a arte também deve ser valorizada, principalmente a de Brasília”. “Gostei da experiência de vir ao espaço: foi boa para se ter contato com o público, entender como ele funciona, para chegar a uma forma mais completa de interpretação. Se você (como estudante) tiver só uma versão, uma visão, as coisas ficam ruins”, completa Davi.

BRASÍLIA



**FOTOGRAFAR OS IPÊS É A CARA DE BRASÍLIA**

**CONTAR COM O BRB, TAMBÉM.**



O BRB NASCEU NA CAPITAL E SE ORGULHA DE FAZER PARTE DO DIA A DIA DO BRASILIENSE DESDE SEMPRE. PARABÉNS PELOS SEUS 63 ANOS, BRASÍLIA.



BRASÍLIA  
63 anos

Um mito criado nas lendas e histórias do cerrado, é assim que o Calango Voador se apresenta no Centro Tradicional de Invenção Cultural, há 19 anos. "Somente uma cidade sonhada como Brasília" pode ter uma invenção dessas, celebra Tico Magalhães

Weber da Cruz/Divulgação



Mistura de ritmos e folia dançante do cerrado

Thais Mallon/Divulgação



O grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: militância cultural

# A tradição futurista do Seu Estrelo

» CRISTINA ÁVILA  
Especial para o **Correio**

"Nossas tradições não vêm do passado, estão ligadas ao futuro", diz o pernambucano Tico Magalhães, artista popular que criou um mito fundador para Brasília, baseado em uma cosmologia muito própria, que atia amadores a pensarem que é preciso estudar um pouco de antropologia para seguir a sua imaginação lógica de construção de um mundo novo neste Planalto Central. Ele quer dizer que uma cidade tão nova não poderia calcar seus alicerces culturais somente nas raízes dos tantos lugares de onde veio tanta gente habitá-la.

E o que parece uma conversa um pouco metafísica tem razões de existir. Tico explica que, ao chegar em Brasília pela primeira vez, foi convidado a integrar um grupo de maracatu. Mas, não fazia sentido. "O maracatu não é um produto. Assim, fazer maracatu aqui me pareceu sem sentido, perdia a essência. Eu entendo lá em Pernambuco, pois lá se louvava o rio e se conectava com as pessoas que eram de lá. Precisávamos louvar as coisas daqui", destaca. Buscar sentido, para ele, é comunicar com as coisas daqui e com quem é daqui.

Assim, foi nascendo e escrevendo o que seria um convite a brincar e, com a brincadeira, ir criando tradições. Mas ele garante que não tem pretensão que sejam essas "a cara de Brasília, pois Brasília tem e deverá ter muitas caras". Nasceriam a partir daí o Mito do Candango Voador e Outras Histórias do Cerrado, que conta a saga do surgimento do bioma ao surgimento da capital federal, poeticamente ilustrado por ele mesmo. E criou o grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, a Orquestra Alada, o Samba Pisado e o Centro Tradicional de Invenção Cultural, que há 19 anos ocupa uma área na 813 Norte, entre a Embaixada da China e do Iraque.

## Festas inventadas

"Tradições também engessam. E somente uma cidade aberta, uma cidade sonhada como Brasília poderia ter essa tradição de futuro. A invenção mora em Brasília", explica Tico. Ele inventou uma tradição na modernidade, mas bebe nas fontes antigas. Abraça e é abraçado por mestres culturais velhos que participam das festas inventadas: Laiá, mãe de Seu Estrelo, Seu Estrelo e o Calango Voador.

Tudo começou a acontecer quando Tico Magalhães descobriu a si próprio. "Eu sou de uma família de classe média baixa.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Tico Magalhães, capitão do Grupo Seu Estrelo: "Precisávamos louvar as coisas daqui"

## Você sabia?

A história da formação de Brasília se divide em "candangos" e "pioneiros". Classes sociais bem distintas, que chegaram ao Planalto Central para fazer a nova capital. E foi nessas levas que veio o Seu Teodoro. Veio como candango, "para cuidar de uma chácara", conta o filho Guará Freire. Era 1962 e a capital do Rio de Janeiro havia sido transferida para Brasília. O maranhense que morava no Rio já estivera por aqui no ano anterior, com convite especial, feito por Ferreira Gullar, então assessor do presidente Jânio Quadros.

Mas, brincou com o Boi na rodoviária nas comemorações do 21 de abril de 1961 e foi embora. Na volta, veio com a família, ficaria cerca de um ano como caseiro, e em seguida passaria a trabalhar na Universidade de Brasília (UnB). "Era uma espécie de contínuo", conta Guará. E a sua arte logo seduziu funcionários e professores que se cotizavam para contribuir com Teodoro. Em 25 de janeiro 1963 foi fundado o Bumba Meu Boi de Seu Teodoro, hoje patrimônio imaterial do Distrito Federal.

"Acabei criando amor e responsabilidade pelo Boi, quero comemorar o seu centenário", planeja Guará Freire, hoje com 48 anos. "Aos 14 anos fui para o Maranhão morar com um tio e isso acabou sendo um estágio natural". Na realidade, "ajudava, mas nunca tive pensamento de tomar conta mesmo". Foi Seu Teodoro que decidiu. O filho já tinha 32 anos, e o pai resolveu que

Kléber Lima/CB/D.A Press



Seu Teodoro Freire: mestre do bumba meu boi

ficaria na diretoria do Boi.

Hoje Guará Freire é um entusiasta da cultura que recebeu como herança ancestral. Em janeiro, foi inaugurado o Museu do Boi de Seu Teodoro, no Centro de Tradições Populares de Sobradinho.

"Ficará aberto entre quartas e sábados, das 14 às 18h. É um espaço para visitação e para captar novos adeptos", previa Seu Teodoro. Para chegar ao centenário que deseja, a família tem planos. "Começamos a preparação de quem vai assumir o Boi no futuro. Ainda não sabemos quem, mas temos alguns sobrinhos aprendendo", relata Guará Freire.

"A tradição continuará com apresentações em feiras e em escolas", informa o filho de seu Teodoro. No mês de aniversário da sexta década da cultura maranhense trazida para o Distrito Federal, o Centro de Tradições Populares de Sobradinho realizou a tradicional Festa de São Sebastião, com a ornamentação do mastro do santo, como se repete desde 1963. A mesma festa que mistura ritos indígenas e católicos e que era produzida por seu Teodoro, que morreu em 2012. Tem também apresentações de tambor de crioula, do bumba meu boi, com ladainhas católicas, procissão e apresentações musicais. (CA)

Mas, aos 15 ou 16 anos subi o morro no Alto José do Pinho, em Recife, conheci então o maracatu Estrela Brilhante e mestre Walter. A classe média não tem acesso a isso. Depois vim para Brasília, e o cerrado me assombrou. Nasci virado para o mar e me criei no mar, estava de costas para o país. Fui então conhecer as cachoeiras", ressalta.

"Fiz publicidade, mas minha formação mesmo foi toda na cultura popular", relata. Não havia ninguém na família ou alguém próximo que o tenha influenciado. Mas ele diz que hoje pensa que sim. Afinal, a mãe tinha formação em medicina com passagem por Cuba e a carreira iniciada tratando Hanseníase, "doença de pobre", e o pai sempre trabalhou com questões agrárias e vinculadas a trabalhadores rurais. "Ambos do movimento social", reforça.

## Comunidade

Em Brasília, as brincadeiras acontecem de dois modos, basicamente. "Seu Estrelo traz encantamento para dentro e a Orquestra passeia com as figuras na cidade, Ceilândia, Planaltina, nas praças e becos, e assim cumpre sua missão", explica. O "dentro", ele quer dizer as festas que acontecem numa espécie de descampado entre as duas embaixadas, onde já havia uma comunidade pobre, que cresceu principalmente na pandemia. Seus vizinhos. Há uma interação entre o centro e a vizinhança, especialmente nas lutas comunitárias pela moradia, por estarem no Plano Piloto. "Território é alma e trincheira", observa o artista.

"Fazemos festas em que chegam 4 mil pessoas aqui", celebra. Ele diz que as brincadeiras são para brincar apenas, para criar, fazer figura (teatro) e se bastam em si mesmas, como um fazer cultura despreocupado. No Centro Tradicional de Invenção Cultural são realizadas oficinas. Ao mesmo tempo, têm palavras muito claras que conduzem todo o seu trabalho: decolonizar, poder de renovar, transformação social. "Não é só distração", afirma.

A cosmologia de Brasília começa assim: "No tempo em que só existia o dia no mundo, várias coisas já viviam e todas tinham um ruído, um canto, uma fala. Assim, toda vez que aparecia um barulho novo, uma nova criatura tomava vida". Um dia, nos movimentos da vida, encontrou o escritor e líder indígena Ailton Krenak. Pensou em lhe apresentar o Mito do Calango Voador. Mas temeu a resposta. Ousou. E acabou gostando da resposta. "O impressionante é que o mundo nasce todo dia", se admirou o filósofo indígena.

**BRASÍLIA**  
63 anos

Nascido com Brasília, o primeiro jornal da capital do país acompanha a trajetória da cidade por meio de várias plataformas, sempre priorizando a credibilidade da notícia e o compromisso com o leitor

# Correio rumo ao futuro

» ARTHUR DE SOUZA

Criado no mesmo dia em que Brasília nasceu, o **Correio Braziliense** tem muita história para contar. São quase 22 mil edições diárias, mais de 6 milhões de notícias e um acervo único com imagens da cidade. Se era preciso instalar um jornal na nova capital do país, Assis Chateaubriand, fundador dos Diários Associados, foi buscar um que tivesse a força simbólica necessária para dar conta do projeto de Brasília.

A inspiração do nome veio do periódico *Correio Braziliense*, que foi editado em Londres, entre 1808 e 1823, por **Hipólito José da Costa**. Mais de 130 anos depois, o **Correio** renasceu com a força simbólica de sua história e com um nome que expressava inteiramente o lugar onde ressurgia. Chateaubriand decidiu manter a grafia arcaica, com "z", como uma homenagem ao primeiro jornal brasileiro.

Com 63 anos de trajetória, o jornal foi se reinventando rumo ao futuro, sem se esquecer do compromisso com os leitores e a cidade. O tradicional jornal impresso se mantém como referência no país, além de colecionar prêmios nacionais e internacionais, de design e de reportagem. O site *correio braziliense.com.br* é um dos mais vistos do Brasil, que turbinou plataformas nas redes sociais. Destaque para o Podcast do **Correio**, que oferece entrevistas e bate-papos com autoridades, especialistas e personalidades da cidade.

A história de Brasília com o *Correio Braziliense* é um caso raro de amor e companheirismo entre uma cidade e um jornal. Mesmo em momentos políticos muito graves, o **Correio** nunca deixou de apoiar o fundador da cidade, Juscelino Kubitschek, o projeto de Lucio Costa para Brasília e o tombamento da capital como patrimônio da humanidade.

No ar diariamente para mais de 4 milhões de telespectadores em todo DF, Entorno e alguns bairros da capital goiana, a TV Brasília foi a primeira emissora da capital. Com uma produção de conteúdo exclusivamente local, a tevê nasceu, cresceu e hoje se desenvolve como alma gêmea da capital. Destaque para o programa **CB.Poder**, parceria com o **Correio**, que traz entrevistas com diversas autoridades da política de Brasília.

Ed Alves/CB/DA.Press



A redação do Correio reúne repórteres que atuam nas diversas plataformas do jornal

## O começo

Entre 1808 e 1822, o jornalista veiculou o **Correio Braziliense**, de publicação mensal. As cerca de 100 páginas de cada edição, impressas em Londres, chegavam de forma clandestina ao Brasil e eram lidas por um público de 500 pessoas. Tratava de assuntos como economia, cultura e teorias iluministas. A publicação de Hipólito José da Costa é considerada o primeiro jornal do país.

Carlos Vieira/CB/DA.Press



O **CB.Poder** é uma parceria entre o Correio e a TV Brasília



Arquivo O Cruzeiro/EM/DA.Press

## Você sabia?

A trajetória dos Diários Associados começou em 1924, quando o jornalista Assis Chateaubriand (foto) investiu em *O Jornal*, publicação que circulava no Rio de Janeiro. Empreendedor, Chatô, como era conhecido, tinha apenas 32 anos quando fundou o grupo jornalístico. Com o sonho de integrar os brasileiros por meio dos veículos de comunicação, adquiriu outras empresas de mídia de imprensa, rádio e televisão e o grupo se tornou um dos mais importantes do Brasil.

Atualmente, os Diários Associados estão presentes em sete estados, além do Distrito Federal. São emissoras de tevê, portais, jornais, rádios, revistas e empresas que levam informação de qualidade a milhões de brasileiros no Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte. Ao todo, 13 empresas fazem parte do grupo.

## Brasília, a primeira startup do Brasil!

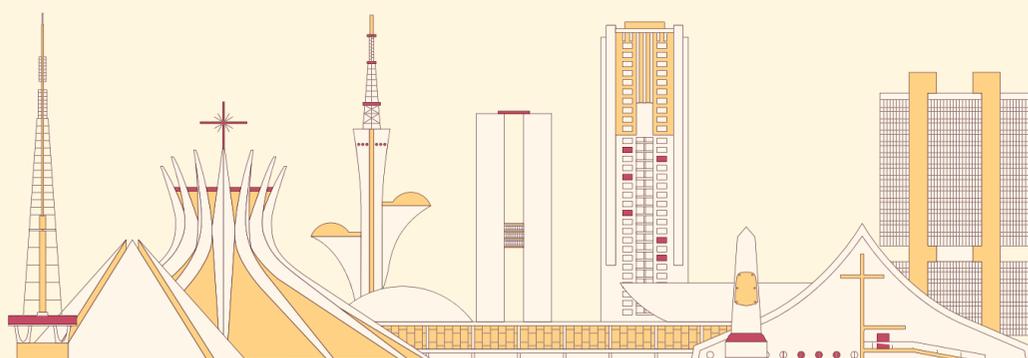
- A cidade já nasceu muito inovadora.
- Fez uma disrupção do mercado ao mudar a capital do país.
- Ela precisou captar recursos para ser construída.
- Ela teve um time complementar:

**Hustler:** JK

**Hipster:** Oscar Niemeyer

**Hacker:** Lúcio Costa

**Hyper:** Israel Pinheiro



A Cotidiano nasceu na capital e há 7 anos é a principal aceleradora do Centro-Oeste.

**Brasília e seus 63 anos** nos inspiram a inovar o cotidiano das pessoas, disseminando o **jeito startup de ser**.

Hoje, uma das nossas principais missões é formar agentes de aceleração para escalar projetos inovadores!

Quer fazer parte dessa história?  
**Acesse o QR CODE** e se torne um Agente de Aceleração.



**cotidiano**  
aceleradora



# BRASÍLIA 63 ANOS

## Homenagem às mãos que constroem a história

No começo, tudo era terra vermelha, coragem e fé. E eles vieram. Chegaram de pau de arara, ônibus, bicicleta e a pé, trazendo sua força bruta, chapéu de palha e esperança. Trabalharam dia e noite confiantes na cidade onde iria jorrar leite e mel. Plantaram sonhos e colheram um lugar lindo de viver. E o sonho nunca parou. Continuou forte nas mãos de muitos outros homens e mulheres que vinham chegando, trazendo na bagagem sua coragem, seus ideais e a vontade de trabalhar. E a obra permanece viva nas mãos dos trabalhadores do presente. Com a mesma determinação e coragem, eles transformam, todos os dias, o cimento em concreto, o ferro em estrutura, o tijolo em parede, o vidro em janela, matérias que viram casas, apartamentos, varandas e aconchego, lugares feitos de vida e esperança.

**Paulo Octavio<sup>®</sup>**

[WWW.PAULOCTAVIO.COM.BR](http://WWW.PAULOCTAVIO.COM.BR)